



COMUNIDADE COLORIDA:
UMA REPRESENTAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA FAVELA CARIOCA

PATRÍCIA MARTINS ASSREUY

UFRJ 2012

PATRÍCIA MARTINS ASSREUY

**COMUNIDADE COLORIDA: UMA REPRESENTAÇÃO
CONTEMPORÂNEA DA FAVELA CARIOCA**

Dissertação apresentada ao curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Urbanismo.

Orientador: Prof. Dra. Lilian Fessler Vaz

Rio de Janeiro

2012

A849

Assreuy, Patrícia Martins,
Comunidade colorida: uma representação
contemporânea da favela carioca/ Patrícia Martins Assreuy.
– Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2012.
viii,72 f. il., 30 cm.

Orientador: Lilian Fessler Vaz.

Dissertação (Mestrado) – UFRJ/PROURB/Programa de
Pós-Graduação em Urbanismo, 2012.
Referências bibliográficas: p.69-72.

1. Favelas – Rio de Janeiro (RJ). 2. Favelas – Aspectos
sociais. 3. Santa Marta (Rio de Janeiro, RJ) I. Vaz, Lilian Fessler.
II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em
Urbanismo. III. Título.

CDD 711.4098153

AGRADECIMENTOS

Antes de mais nada, agradeço aos meus pais e avós, por *tudo*. À minha irmã pelo apoio. Tios, primos e agregados, pelo carinho.

Ao Gustavo, porque ser quem ele é. À nossa pequena família felina, Haroldo, Freud e Stella, pela companhia incondicional durante as longas horas de leituras e produção.

Aos amigos, que dispensam homenagens individuais. Sabem exatamente quem são.

Aos meus sogros, por terem me acolhido em sua família.

À Professora Lilian, por todas as oportunidades que me foram dadas, e que procurei honrar.

A todos os integrantes do nosso Grupo de Pesquisa em Cultura, História e Urbanismo (GêPêCHU, para os íntimos), desde as alunas da iniciação científica aos doutorandos. Em especial à Claudia Seldin, pela revisão do texto.

Aos professores membros da banca, por sua colaboração.

Aos colegas da turma do mestrado PROURB 2010, pela companhia durante todo o processo.

“Nosso tempo, sem dúvida... prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser... O que é sagrado para ele, não passa de ilusão, pois a verdade está no profano. Ou seja, à medida que decresce a verdade a ilusão aumenta, e o sagrado cresce a seus olhos de forma que o cúmulo da ilusão é também o cúmulo do sagrado.”

(Feuerbach apud Debord, 1992)

”A favela colorida dói menos aos olhos.”

(Cidades possíveis - <http://www.cidadespossiveis.com/>)

RESUMO

As favelas fazem parte da realidade do Rio de Janeiro desde o final do século XIX. Sua relação com a cidade “formal” vem se modificando, de modo que a favela vem cada vez mais deixando de ser vista como uma ocorrência “acidental” que não detém qualquer laço com a cidade em si, passando a ser considerada parte efetiva da mesma. Essa mudança guarda relações com o contexto social, político e econômico de cada época, o que nos leva a crer que mais do que se modifica a favela em si, se modifica a representação que se tem dela. Ainda nesse contexto, observa-se que o espaço da favela é alvo de disputas entre diversos atores que se valem de estratégias e táticas para se movimentar nesse espaço e garantir nele sua reprodução. Assim, o objetivo deste trabalho é demonstrar que as imagens associadas à realidade da favela são na verdade representações, estudadas aqui segundo o conceito postulado por Roger Chartier. Em seguida, pretende-se caracterizar uma nova representação da favela carioca, que estaria em emergência contemporaneamente, baseada nas seguintes características: cultura local específica, investimentos públicos (“melhorias”) e privados e turismo. Acredita-se que tal representação se firma a partir das relações entre os atores envolvidos, seus interesses, suas estratégias e táticas para garantir sua reprodução naquele espaço. Para esse estudo, utilizou-se a favela Santa Marta, localizada no bairro de Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro como estudo de caso principal, ainda que se tenha estudado outros exemplos secundários para consolidá-lo. Palavras-chave: Representação; imaginário; estratégia; tática; favela; turismo; cultura; Rio de Janeiro.

ABSTRACT

The favelas have been part of Rio de Janeiro's reality since the late 19th century. Its relationship with the "formal" city has been changing, in such a way that the favela is becoming increasingly an effective part of it. These changes are related with the social, political and economic context of each time, what lead us to believe that, more than the favela itself, what really changes is the representation we have from it. Besides that, it can be observed that the space of the favela is a target of disputes between the various actors involved, who rely on strategies and tactics to move through it, ensuring their reproduction. The aim of this study is to demonstrate that the images associated with the reality of the favelas are in fact representations, studied here according to the concept postulated by Roger Chartier. Afterwards, we intend to characterize a new representation of Rio's favela, which would be in ascent nowadays, based on the following characteristics: specific local culture, public and private investments ("improvements") and tourism. It is believed that such representation is established from relationships between the actors involved, their interests, strategies and tactics to ensure their reproduction in the favela. For this study, we considered the favela Santa Marta, located at Botafogo district, South Zone of Rio de Janeiro, as a primary case study, even though it has been studied other secondary examples in order to consolidate it.

Key words: Representation; imaginary; estategy, tactics, favela, tourism; culture; Rio de Janeiro.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO _____	01
CAPÍTULO I: Referencial teórico _____	05
O conceito de representação: Roger Chartier	05
O conceito de representação associado à imagem da favela	07
Tática e estratégia: Michel de Certeau e as relações entre os atores	09
CAPÍTULO II: As imagens existentes: Da pestilência selvagem à comunidade em desenvolvimento _____	13
1ª Representação: favela exótica e precária	15
2ª Representação: favela pestilenta e perigosa	19
3ª Representação: favela como embrião do conjunto habitacional	24
4ª Representação: favela do tráfico e da violência	29
Representações de favela e noções de oposição	35
CAPÍTULO III: A formação de uma nova imagem: a comunidade colorida enquanto representação _____	37
Santa Marta (ou Dona Marta): breve histórico	37
Os agentes envolvidos: governo, investimento privado, morador	42
Turismo em favela: Uma visita guiada do Rio Top Tour	52
Cores na favela: A comunidade colorida	58
Estratégias e táticas de movimentação na comunidade colorida	63
CONCLUSÃO _____	66
BIBLIOGRAFIA _____	69

INTRODUÇÃO

A ocorrência das favelas no meio urbano vem sendo alvo de estudos das mais diversas áreas do conhecimento há mais de um século. Economistas, sociólogos, urbanistas e antropólogos buscam a favela como objeto de estudo para compreender as mais diversas facetas da vida cidadina. Com o passar do tempo a relação entre a cidade dita formal e a favela vem se modificando, de modo que a favela vem cada vez mais deixando de ser vista como uma ocorrência “acidental” que não detém qualquer laço com a cidade em si, passando a ser considerada parte efetiva da mesma. Essa mudança guarda relações com o contexto social, político e econômico de cada época, o que nos leva a crer que mais do que se modifica a favela em si, se modifica a representação que se tem dela.

Ainda que o conceito de representação seja muito amplo e tenha significados um tanto quanto diversos dependendo do campo estudado, aqui ele é utilizado para designar uma forma de se observar ou definir determinado fato ou ocorrência, baseada em um contexto específico. Podemos dizer que, no caso da favela carioca, as representações se consolidaram da mesma forma: consistem em um olhar a partir de um agente externo, alguém que observa a favela como um objeto, a partir de fora. Elas são determinadas pela noção de oposição “eu *versus* o outro”: cidade é uma coisa, favela é outra. Cidadão é uma coisa, favelado é outra. Nesse sentido, constata-se, há algum tempo, um fenômeno de “objetificação”, ou até mesmo de mercantilização da imagem da favela por agentes externos (agentes de turismo, promotores de eventos e, mais recentemente, órgãos governamentais), baseados nas percepções também externas da favela.

No entanto, nos últimos anos percebe-se que essa objetificação/mercantilização vem sendo alvo de apropriação pelos moradores, o que tem culminado em novas formas de representação. Nesse contexto, o que se procura discutir é a emergência recente de uma nova representação da favela, construída não só a partir do ponto de vista de quem a vê de fora, mas consubstanciada pela visão e opinião de quem está dentro dela. Isso porque, ainda que haja uma clara exploração da favela enquanto objeto por diversos agentes externos, observa-se que os próprios moradores desses locais vêm se apropriando dessa nova relação entre favela e cidade para se inserir em diversos mercados, sendo o turismo e o comércio apenas dois deles.

É importante ressaltar que, em se tratando de comércio, não se está falando apenas da venda de objetos, mas também do comércio de uma imagem e de uma cultura tida como específica e original. Exemplo disso é o mercado de visitas e passeios em favelas, em constante expansão. Ainda que tais iniciativas venham, em grande parte, de grupos comerciais que nem sempre são relacionados às favelas visitadas, o morador local muitas vezes se vale de alguma tática para fazer parte dessa transação, por meio da exploração das diferenças entre essa realidade e a da cidade dita formal: comércio de souvenirs, comércio da paisagem (alugam suas lajes como mirantes), ou ainda comércio “cultural” (grupos de crianças pintando quadros, grupos musicais e outras representações culturais “originais”).

Nesse sentido, um dos pontos discutidos na dissertação é justamente a apreensão e a utilização, pelo morador da favela, desse imaginário criado. Muitas vezes, ele mesmo assume a imagem da favela enquanto espaço de alegria, encontro e festa como parte de sua identidade, pois isso pode ser um componente da tática que será utilizada para garantir sua reprodução e sobrevivência. Assim, a oposição cidade *versus* favela não deixa de existir, mas nesse novo contexto a favela não mais caracteriza algo negativo em oposição a algo positivo (cidade). Nessa representação contemporânea, a favela é colocada como uma realidade que, ainda que diversa, faz parte da cidade, sendo interessante, inclusive, como objeto de exploração comercial.

Outra questão que se abre a partir das relações comerciais associadas à imagem da favela é a transformação da visão que o favelado tem de si mesmo, que pode ser analisada não apenas como um reflexo da recente emergência da população à “classe C”¹ mas, mais especificamente, também como um desdobramento da emergência da favela enquanto alvo de diversos interesses, inclusive de fundo econômico. Dessa forma, a favela se torna um produto comercializável: assim como o objeto Rio de Janeiro é visto enquanto mercadoria, o objeto favela também pode ser, a partir do momento em que se atribui uma imagem de lugar-objeto desejável e utópico a ela.

¹ Não existe uma definição universal do termo. “No Brasil, uma das classificações mais usadas é a do pesquisador Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ), em que faz parte da classe média uma família que possui renda mensal de R\$ 1.126 a R\$ 4.428. Mas outros pesquisadores, como Haroldo Lunes, da consultoria Plano CDE, especializada no universo das classes C, D e E, consideram que o topo da renda mensal familiar de classe média é R\$ 3 mil.” (Fonte: *IG economia*)

De acordo com dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV), entre 2003 e 2009, cerca de 29 milhões de brasileiros entraram para a classe C. Em seis anos, o poder de compra destes consumidores aumentou, devido à expansão do crédito e às melhores condições de trabalho e renda do País. (Fonte: *Infomoney* 28/04/2011)

Assim, o objetivo do trabalho é caracterizar uma nova representação da favela carioca, que estaria em emergência contemporaneamente, baseada nas seguintes características: cultura local específica, investimentos públicos (“melhorias”) e privados e turismo. Acreditamos que tal representação se firma a partir das relações entre os atores envolvidos, seus interesses, suas estratégias e táticas para garantir sua reprodução naquele espaço. Aqui utilizaremos como objeto a favela Santa Marta, localizada no bairro de Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro. A escolha do objeto se deu pelo fato de a ocupação Santa Marta ter sido uma das primeiras a receber uma UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) na cidade, o que abriu caminho para a entrada dos mais variados investimentos, bem como para o recebimento de visitantes distantes do cotidiano local, ocasionando o interesse por passeios turísticos. O fato de a favela estar localizada na Zona Sul do Rio também faz bastante diferença, uma vez que está próxima ao circuito turístico-cultural mais tradicional da cidade.

No primeiro capítulo, desenvolveremos a discussão de nossa base teórica. Para tanto, nos apoiamos em uma revisão bibliográfica específica em torno dos conceitos de representação, estratégia e tática. Utilizaremos como base os textos de Roger Chartier (1990) para o aprofundamento do conceito de “representação”, relacionando esse autor a outros que já aplicaram o mesmo conceito ao tema das favelas, como Perlman (1977), Jacques (2001), Zaluar (2004) e Valladares (2005), dentre outros. Para as noções de “estratégia” e “tática”, nos apoiaremos nos textos de Michel de Certeau (1994).

No segundo capítulo, trataremos das representações de favela já arraigadas no imaginário coletivo. Pesquisamos os históricos das representações da favela desde as imagens iniciais, relacionadas a uma noção de precariedade nociva até a contemporaneidade, onde tal precariedade ainda existe, mas o desenvolvimento em suas diversas facetas (social, cultural, econômico e urbano) é visto como possível e associado a uma ideia de identidade diferenciada. Essa etapa da pesquisa se baseia na análise de documentos, textos, imagens, literatura, reportagens e filmes, objetivando desvendar as diferentes representações da favela a partir dos diversos olhares externos.

No terceiro capítulo, buscaremos desvendar uma nova imagem da favela carioca contemporânea. Procuramos nessa etapa estudar a relação entre a produção desse imaginário e a sua absorção e reprodução pelos diversos atores envolvidos nessa lógica: moradores, governo e investidores privados. Ou seja, a absorção e reprodução desta representação por quem “vende” e por quem “vive” a favela. Após os

estudos demonstrados nos dois primeiros capítulos, sentiu-se a necessidade de pesquisar mais a fundo o desdobramento dessa nova imagem da favela em um caso concreto. Por isso, nos aprofundamos na pesquisa das relações entre tais atores, levando em consideração o turismo e a produção de eventos, bem como a associação da imagem da favela ao adjetivo *colorida*. Para tanto fizemos um estudo de caso, tendo por objeto a favela Santa Marta. Foram feitas diversas visitas à favela, uma delas com uma guia de turismo do projeto Rio Top Tour e outras de forma independente. Durante as visitas conversamos com os moradores, comerciantes e guias, a fim de observar os diversos aspectos relacionados ao turismo e aos investimentos públicos e privados no local, como a reação e a participação dos moradores nas atividades turísticas, a interferência das empresas de turismo na favela, as noções dos moradores e comerciantes sobre a favela antes e depois da entrada do capital privado e dos investimentos públicos no local.

Nas páginas que se seguem, pretendemos resgatar um pouco das imagens e referências das quais a favela carioca foi (e continua sendo) alvo ao longo do tempo. Devemos observar que, em se tratando de representações desses lugares, estas muitas vezes não se desfazem, permanecendo e se sobrepondo no imaginário coletivo. Ou seja, pode se dizer que estudar representações da favela significa trabalhar com imagens muitas vezes opostas e incongruentes, o que torna o trabalho com esse tema muito interessante e instigador. Também é necessário observar a complexidade do tema, reconhecendo que o campo-favela é tomado por disputas simbólicas em torno das representações e entendendo que a realidade da favela carioca é composta não apenas por consensos entre atores, mas também por conflitos.

CAPÍTULO I: Referencial teórico

O conceito de representação: Roger Chartier

Para falarmos de imaginário social e imagem da favela, é necessário estudar o conceito de representação. No presente trabalho, nosso ponto de partida foi analisar os textos do filósofo francês Roger Chartier presentes em seu livro *A história cultural: entre práticas e representações* (1990). Nesse livro, Chartier coloca sua preocupação com a banalização de conceitos e modelos que explicam a história social e cultural, frente a sua dissociação do contexto original no qual foram pensados. Nesse sentido, o autor propõe “uma reflexão sobre o paradigma historiográfico dos anos 50 e 60, construído em relação à economia e sociedade, mas que se tornou extensivo à história das mentalidades” (1990, p. 08).

O autor começa por apresentar o livro como uma resposta à insatisfação com a história cultural francesa dos anos 60 e 70, entendida então em duas vertentes: a história serial, preocupada em atestar fatos e datas e a “história das mentalidades”, ou “história cultural”². Segundo Chartier, o que possibilitou o aumento da visibilidade da segunda foi o crescimento da importância das ciências sociais, que representou um desafio para a história. Isso desviou as atenções das hierarquias e posições que eram o foco da história serial para as relações e representações, contadas pela história das mentalidades.

Segundo Chartier, a história cultural tem como principal objeto “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (1990, p. 16-17). Para que essa construção aconteça, existe uma série de classificações que organizam em categorias a forma como o mundo social é apreendido por diversos grupos. E é essa categorização que permite que o sentido seja construído e o espaço apreendido. Nesse contexto, pode-se dizer que as representações do mundo social são determinadas de acordo com os interesses dos grupos que as forjam, ainda que tentem parecer universais. Daí a importância de compreender a relação entre o discurso e a posição de quem o profere, visto que a existência de um discurso neutro é impossível – o discurso produz estratégias e táticas que vão tentar legitimar ou transformar uma dada situação.

² A História cultural ocupa-se com a pesquisa e representação de determinada cultura em dado período e lugar. Ela não se dedica diretamente à história política ou à história oficial de países ou regiões e também não dá importância à cronologia. Combina as abordagens da antropologia e da história para olhar para as tradições da cultura popular e interpretações culturais da experiência histórica e humana.

Chartier pretende, com base nesse raciocínio, superar a noção tida como irreduzível da existência de uma separação integral entre a objetividade das estruturas (história dos fatos) e a subjetividade das representações (história dos discursos). O autor coloca a possibilidade de se estudar uma “história cultural do social”, que tomaria por objeto o estudo das “representações do mundo social”, que descreveriam a sociedade como ela pensa que é ou como gostaria de ser. Para tanto, é necessário que todos os atos e objetos sejam identificados como símbolos, uma vez que é a função simbólica que determina as diferentes formas de apreensão do real (Panofsky apud Chartier, p.19). Segundo o idealismo crítico, a forma simbólica designa *todas as categorias de todos os processos que constroem o mundo como representação* (1990, p. 19).

Chartier não foi o único a questionar e reavaliar o conceito de representação. Este vem sofrendo diversas críticas e mudanças ao longo do tempo. O autor faz uma leitura da evolução do conceito, cujas definições mais antigas sugerem uma tensão entre duas raízes de sentidos: a representação como algo que dá a ver o que está ausente e a representação como um símbolo que define algo ou alguém. Na primeira definição, representação é um instrumento que substitui um objeto ausente por uma imagem que vá reconstituí-lo em memória e figurar tal como ele é. Já na segunda, a definição de representação propõe a associação do que é representado a um símbolo (por exemplo, o leão como símbolo de valor ou a balança como símbolo da justiça). Chartier coloca que a teatralização da vida social existente no Antigo Regime³ perverteu a distinção entre representação e representado, fazendo com que o signo que exhibe a coisa seja mais importante do que a coisa em si. “A aparência vale pelo real” (1990, p. 21).

O autor diz que a importância desses signos que representam os objetos se explica porque os objetos são vulneráveis em sua realidade, sendo necessária a existência de um símbolo que os fortaleça perante os olhos do outro. Nesse sentido, a representação torna-se um potente instrumento que instaura respeito e submissão. “Só os homens de guerra não se mascaram dessa maneira, porque efetivamente o seu papel é mais essencial, eles afirmam-se pela força, enquanto os outros o fazem por meio de dissimulações” (1990, p. 22).

É necessário entender as lutas de representação inseridas em um processo longo de desmonopolização do poder e da violência, uma vez que o que está em jogo

³ Sistema social e político aristocrático existente na França entre os séculos XIV – monarquia medieval – e XVIII – Revolução Francesa.

são a ordem e a hierarquia da estrutura social em si. Nesse sentido é possível que a história cultural regresse ao social de maneira útil, ao atentar para as *estratégias que determinam posições e relações e que atribuem a cada classe, grupo ou meio um ser apreendido constitutivo da sua identidade* (1990, p. 23). Chartier coloca que dessa forma é possível construir a noção de representação a partir dos conceitos originários do Antigo Regime. Segundo o autor, **a partir dessa noção, é possível articular três modalidades da relação representação x mundo social: (1) delimitação das práticas que delimitam a forma como cada grupo vai construir sua realidade; (2) práticas que visam o reconhecimento de uma identidade social e de uma posição; (3) formas institucionalizadas através das quais um representante marca a existência de um grupo.**

Assim, é possível extrair dos conceitos postulados por Chartier que representações, em suma, se referem a construções sociais, que delimitam noções sobre práticas, grupos sociais, lugares. Essas noções podem ter origem tanto por interesse do próprio indivíduo ou grupo, como configurarem espécies de *epítetos* que lhes serão dados por outros.

O conceito de representação associado à imagem da favela carioca

Diversos autores brasileiros vêm fazendo a associação entre o conceito de representação e a construção da imagem da favela. No caso específico da representação da favela carioca, Janice Perlman foi uma das primeiras pesquisadoras a escrever sobre noções e imaginário atribuídos à favela. Já nos anos 70, a autora escreveu sobre o “mito da marginalidade”, baseado em um apanhado de crenças e estereótipos sobre o ambiente da favela e sobre o favelado em si:

“A crença geral é que, nos anos de rápida urbanização que se seguiram à guerra, a cidade foi invadida por hordas provenientes das zonas rurais. Imagina-se que esses migrantes chegam do interior solitários e sem raízes, despreparados e incapazes de se adaptar perfeitamente à vida urbana, e perpetuamente ansiosos por regressar aos seus vilarejos. Em atitude de defesa, isolam-se em grupos fechados de características rurais, ao invés de tirar proveito do contexto mais vasto da cidade. Suas favelas ‘imundas e insalubres’, imagina-se, exibem todos os sintomas da desorganização

social – desde a desintegração da família, a anomia, a desconfiança mútua, até o crime, a violência e a promiscuidade. [...] Essa gente é acusada de parasita ou sanguessuga da infra-estrutura urbana e seus limitados recursos. O que é ainda mais importante para muitos analistas, os favelados e migrantes representam ameaçadoras ‘massas agitadas e frustradas, prontas a cair como fáceis presas do apelo da retórica radical’.(Perlman, 1977)

Perlman também coloca que muito do que se atribui à noção de favela, no caso brasileiro, não faz parte do imaginário coletivo relacionado a essa realidade em outras culturas. A autora cita como exemplo a capital peruana Lima, cujas favelas têm ruas bem traçadas e espaços abertos, pois teriam sido planejadas com o auxílio de estudantes de arquitetura.

O conceito de representação associado às favelas cariocas também foi utilizado por Lícia do Prado Valladares, em seu livro *A invenção da favela* (2005). Segundo a autora, a noção que o senso comum detém da favela não se baseia em fatos despidos de qualquer interpretação, mas sim em uma “construção social das representações da favela” (Valladares, 2005). Essa construção resulta em um “mito fundador da representação social da favela”, baseado nas imagens vigentes desde o início do século XX e regidas por diversas relações de oposição, como cidade x favela, cidadão x favelado e formalidade x informalidade, para citar algumas.

A noção de oposição relacionada à imagem da favela também é colocada por Paola Berenstein Jacques, em seu livro *Les favelas de Rio* (2001). Segundo Jacques, as representações sobre a favela são muitas vezes paradoxais e diametralmente opostas. A autora coloca que, ao mesmo tempo em que a favela guarda uma imagem extremamente negativa e associada ao crime, sujeira e doenças, também é considerada a expressão da “estética brasileira”, sendo o berço dos elementos culturais considerados verdadeiramente brasileiros, como o samba.

Alba Zaluar e Marcos Alvito também apontam a relação paradoxal entre as imagens da favela e a explicam por meio do conceito de dualidade. Segundo os autores, as origens desse raciocínio estão no século XIX e se referem a “posições englobadoras de cada lado da sociedade brasileira”. Em se tratando de nosso país, a noção de dualidade faria uma ponte entre o mundo urbano das regiões Sul e Sudeste e o mundo rural-tradicional, das regiões Norte e Nordeste. Zaluar e Alvito colocam

que, no caso do Rio de Janeiro, a noção de dualidade encontrou na oposição asfalto x favela uma de suas facetas.

Acreditamos que é essa ideia de oposição fundadora que define as representações da favela carioca. De um modo ou de outro, o que define o que a favela tem ou não tem, é ou deixa de ser é a noção do que sobra e do que falta no asfalto. E é justamente o fato das necessidades e opiniões cambiarem com frequência que leva à existência de representações múltiplas sobre o espaço da favela e sobre o próprio favelado. Como em Zaluar e Alvito (2004):

“Assim, a despeito de diferentes roupagens, sempre de acordo com um contexto histórico específico, o favelado foi um fantasma, um outro construído de acordo com o tipo de identidade de cidadão urbano que estava sendo elaborada, presidida pelo higienismo, pelo desenvolvimentismo ou, mais recentemente, pelas relações auto-reguláveis do mercado e pela globalização.”(Zaluar e Alvito, 2004)

Por fim, gostaríamos de citar o trabalho de Bianca Freire-Medeiros (2009), onde encontramos grande parte do referencial que utilizamos para associar o conceito de representação à favela carioca, dentro do contexto que propomos. Segundo a autora, a favela turística representa o epíteto de todas as representações que se fundem para dar vida à favela contemporânea (e que nós chamamos de comunidade colorida):

“Pensar a favela que é ‘inventada’ pelo turismo como uma zona de contato permite-nos entendê-la como território físico e simbólico no qual camadas discursivas se acomodam em múltiplas representações: representações sobre a favela e seus habitantes formuladas pelos turistas, representações dos turistas formuladas pelos moradores, representações da favela formuladas pelos moradores para os turistas – em uma espiral contínua de representações.” (Freire-Medeiros, 2009)

Tática e estratégia: Michel de Certeau e as relações entre os agentes

Para trabalhar a questão das movimentações dos grupos sociais no espaço da favela, alvo da discussão do Capítulo III dessa dissertação, utilizamos os conceitos de

estratégia e tática colocados por Michel de Certeau, em seu livro *A invenção do Cotidiano* (1994). A preocupação de Certeau é entender, no campo da cultura, como funciona o meio termo entre o produtor e o consumidor de produtos culturais, ou seja, o uso que se faz desses produtos. Isso porque, segundo o autor, “é preciso interessar-se não pelos produtos culturais oferecidos no mercado de bens, mas pelas operações de seus usuários.” (1994, p.13). Para isso, o autor supõe que o consumidor (fraco) faz uso da tática e da astúcia, para garantir sua movimentação em um espaço cuja ordem foi estabelecida pela estratégia do produtor (forte). Além disso, coloca que essas divisões espaciais entre o lugar do forte e o não-lugar do fraco, são reveladas não só pela ordem previamente instaurada pelo produtor, mas também por uma “instituição da consciência” do consumidor, que atribui um caráter de infinitude e factualidade à ordem já consolidada.

À produção centralizada dos meios de comunicação, que tentam instituir um grupo de operações, de modos de fazer, de usar ou de agir, Certeau coloca uma espécie de contra produção, que seria a resposta dos espectadores daquela primeira produção institucionalizada, uma arte de utilizá-la de maneiras diferentes das que seriam impostas. Ou seja, existe uma relação entre a “produção” (ordem imposta) e o “consumo”, que seria o “uso”.

Certeau também compara a lógica existente entre produção e consumo com a semiótica de Saussure⁴, segundo quem a palavra falada é um ato que depende do contexto no qual é utilizada e, sua utilização, faz parte de um sistema, denominado língua. Assim como a fala, o uso predispõe uma série de apropriações e interpretações que vão depender do contexto no qual se insere, sendo o consumo o resultado dessa interpretação de produtos.

Certeau caracteriza a trajetória dos consumidores como desordenada e aparentemente desprovida de sentido, já que não mantém relação com o espaço pré-fabricado onde acontecem. E é justamente por não pertencerem ao contexto definido pelos produtores que essas trajetórias são imensuráveis, uma vez que só se pode contabilizar “aquilo que é usado, não as maneiras de utilizá-lo” (1994, pág. 98).

A partir daí, o autor vai criar uma separação entre estratégia e tática, sendo a estratégia pertencente ao produtor e a tática ao consumidor. O que distinguiria uma da

⁴ Ferdinand de Saussure (1857-1913), linguista e filósofo suíço, é considerado por muitos o pai da semiologia. Seu pensamento exerce grande influência sobre o campo dos estudos culturais e do estudo da literatura.

outra são os “tipos de operações” envolvidas em ambas as ações, como coloca o autor:

“(...) as estratégias são capazes de produzir, mapear e impor, ao passo que as táticas só podem utilizá-los (os lugares), manipular e alterar.” (Certeau, 1994, p.92).

É importante colocar que a noção de estratégia e tática é intrinsecamente ligada ao espaço, já que o estrategista se encontra, a priori, numa condição favorável à observação do mais fraco, enquanto a tática será utilizada por aquele que não dispõe de espaço próprio, apenas se movimenta entre os espaços alheios de acordo com as possibilidades oferecidas. A estratégia predetermina um “lugar próprio”, que garante uma “independência em relação à variabilidade das circunstâncias”. Em oposição a isso, a tática dispõe de mais “mobilidade”, pois não está presa a nenhum lugar específico, se movimentando nos espaços alheios.

“A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças.” (Certeau, 1994, p.99)

A partir das relações estabelecidas acima, Certeau postula que a estratégia está necessariamente relacionada ao poder, enquanto a tática é relacionada à ausência deste. Tal característica, associada ao fato de se movimentar em um espaço que não é controlado por ela, faz com que a tática dependa das ações da estratégia para operar. A tática “aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva.” (1994, p.100).

“As estratégias são, portanto, ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem” (Certeau, 1994, p.102).

Certeau coloca que o “tempo” é uma importante variável para o funcionamento da relação entre estratégias e táticas. Isso porque ele é um dos fatores que definem o sucesso da tática, sendo crucial para transformar uma circunstância imposta pela estratégia em situação favorável à aplicação da tática.

“As estratégias apontam para a resistência que o estabelecimento de um lugar oferece ao gasto do tempo; as táticas apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder.” (Certeau, 1994, p.102).

Das características relacionadas à tática, talvez a que mais nos interesse seja a noção de *astúcia*. Segundo Certeau, fazer uso da astúcia é operar de acordo com as falhas de quem detém o poder, criando oportunidades e elementos-surpresa. E é justamente esse caráter de não planejamento da movimentação do fraco que a torna uma tática. Certeau frisa que a astúcia muitas vezes é o único recurso tático para a movimentação do fraco, de onde podemos inferir que há grupos que não têm alternativas que não sejam esperar pelos erros estratégicos de quem detenha o poder.

O trabalho de Certeau é essencial para elucidar os papéis de cada um dos atores que compõem a “cena” da comunidade colorida. Ainda que o autor não tenha estudado tais conceitos relacionando-os a essa questão específica, consideramos perfeitamente possível relacionar os moradores de favelas, os produtores de eventos, os empresários do ramo do turismo e mesmo as entidades governamentais às posições dos estrategistas e dos táticos.

Cabe também ressaltar que nos deparamos por diversas vezes com os termos “estratégia” e “tática” nas páginas das obras consultadas durante o desenvolvimento do trabalho. Tais termos são muitas vezes utilizados como sinônimos, sem deter qualquer relação hierárquica ou de correspondência com grupos específicos. Em meio à bibliografia consultada, foi apenas na obra de Michel de Certeau que encontramos o delineamento e a diferenciação de tais conceitos com nitidez.

CAPÍTULO II: Imagens da favela carioca em quatro momentos: Da pestilência selvagem à comunidade em desenvolvimento

Desde o surgimento das primeiras habitações precárias que deram origem às chamadas favelas, grandes discussões vêm sendo travadas em torno de sua inserção no meio urbano e, principalmente, em torno do significado dessa realidade no contexto citadino. Nesse sentido, pode-se falar sobre as representações que vêm sendo feitas sobre a favela, desde seus primeiros registros, ainda no século XIX, até os dias de hoje.

O próprio nome favela é posterior ao objeto favela. Ainda que o fenômeno das favelas cariocas tenha tido seu início em fins do século XIX, foi só por volta de 1920 que o nome **favela**, utilizado inicialmente para designar o Morro da Providência (Morro da Favella), passou a ser o substantivo que designa um habitat pobre, de ocupação ilegal e irregular, sem respeito às normas e geralmente sobre encostas (VAZ, ABREU, 1993). É interessante notar que, apesar de ter se tornado o substantivo que define esse tipo de ocupação, o Morro da Favella não foi o primeiro na cidade a ser ocupado por *aglomerados subnormais*,⁵ mas sim o morro de Santo Antônio, situado no entorno do núcleo histórico do Rio de Janeiro (VAZ, 2002).

O histórico do surgimento das primeiras ocupações consideradas favelas foi amplamente estudado por diversos autores, sendo que encontramos em Vaz e Abreu relatos detalhados sobre o tema. Cabe ressaltar que não é objetivo desse trabalho discorrer sobre a evolução do significado semântico da palavra *favela*, que mais recentemente vem sendo substituída por *comunidade*. Nosso objetivo nesse capítulo é demonstrar que a imagem que se tem do espaço designado como favela não é única ou fixa, dependendo de representações coletivas que podem inclusive ser desdobramentos de informações e ideias divulgadas pela mídia ou veiculadas em filmes e obras literárias.

Segundo Jacques (2001), as representações sobre a favela carioca são resultado do trabalho de jornalistas, pesquisadores e grupos artísticos, que definiram ao longo do tempo a forma que esses espaços assumiriam junto ao imaginário coletivo. De fato, as representações da favela enquanto reduto dos pobres, negros e vagabundos (período pós-abolição da escravatura) e como foco gerador de doenças

⁵ Termo utilizado pelo IBGE para designar um conjunto constituído por no mínimo 51 unidades habitacionais, ocupando ou tendo ocupado até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular), dispostas, em geral, de forma desordenada e densa; carentes, em sua maioria, de serviços públicos e essenciais. (IBGE, Censo 2010)

(início do século XX, época de grandes intervenções urbanas) foram amplamente discutidas por diversos autores. Já entre os anos 30 e 50, teve lugar a representação da favela enquanto problema passível de solução, frente uma ação eficaz dos governantes. Mais recentemente, nos anos 80, teve lugar a noção de favela enquanto abrigo do crime organizado e do tráfico de drogas, trazendo de volta à tona a imagem da favela-problema.

Nosso objetivo neste capítulo é demonstrar no que consiste a noção construída da favela carioca ao longo da história. Para tanto, utilizaremos quatro representações distintas que existiram (ou continuam existindo) desses lugares, a saber:

- 1ª representação: favela exótica e precária (fins do século XIX)
- 2ª representação: favela pestilenta e perigosa (primeiras décadas do século XX)
- 3ª representação: favela como embrião do conjunto habitacional (1930-1950)
- 4ª representação: favela do tráfico e da violência (a partir da década de 70)

A cronologia aqui não é nada rígida, constando apenas como uma forma de situar historicamente as ocorrências. É importante observar que, como colocado na introdução desse trabalho, as representações muitas vezes não desaparecem em função de outras novas, passando então a coexistir no imaginário coletivo. Ainda assim, a opção por esses momentos em particular foi feita por acreditar-se que cada um representa características importantes que servem ao propósito de demonstrar uma constante mudança na construção da imagem não apenas do espaço da favela, mas também da população que o habita. Jacques (2001) estudou representações consagradas da favela carioca, agrupando-as a partir de quem as produzia (imprensa, pesquisadores e artistas). Em nosso trabalho, além de estudarmos tais representações, estudamos as transformações em curso, confrontando-as e analisando-as em seu contexto.

Deve-se ressaltar que as duas primeiras representações se sobrepõem no tempo, sendo inclusive contemporâneas uma em relação à outra. O que promove a diferenciação é a existência de duas imagens diferentes relacionadas ao mesmo objeto. Para essa análise, utilizaremos textos referenciais de cada época, como artigos de jornais e revistas, obras literárias e mesmo filmes. Fazemos tal escolha por acreditarmos que apenas por meio de documentos gerados em cada momento pode-se captar o real sentido de cada representação estudada.

1ª representação: favela exótica e precária

Pode-se dizer que a primeira representação a ser analisada diz respeito à favela pré-Favela. Como já foi dito, a representação da favela como lugar onde habitam os excluídos da sociedade veio antes da própria denominação favela. Quando a palavra favela se tornou substantivo, cerca de 30 anos já haviam se passado desde as primeiras ocupações (VAZ, ABREU, 1993).

Em fins do século XIX, a cidade do Rio de Janeiro, enquanto capital do país, já era nitidamente urbana. A recente abolição da escravatura, aliada às políticas imigratórias da época, fazia com que um grande número de trabalhadores procurasse abrigo na cidade. A cidade em si não era vista ainda como lócus de uma possível reforma nacional, por ser vista como um lugar caótico, palco de desordem e improdutividade (Ribeiro; Cardoso, 1996: 57).

A cidade era o lugar da provisoriidade e da especulação. Isso porque não havia plano que levasse em consideração o grande número de ex-escravos, imigrantes, desempregados e outras classes que não se encaixavam no padrão da nova cidade que emergia (tal qual uma “Paris dos trópicos”⁶), mas que, ainda assim, habitavam e marcavam sua presença no espaço urbano.

E no que consistia esse outro mundo, esse avesso da cidade que não era considerado parte dela? Pelo pouco conhecimento existente e pela noção de contraste em relação à cidade, havia uma tendência a pensar o morro como um pedaço do sertão escondido no meio urbano. Ou ainda como a selva em meio à cidade construída. Independente de quais fossem as palavras usadas para designar tal relação, pode-se dizer que a noção de exotismo permeava a imagem da favela no início do século XX. Representante de uma oposição interior/cidade ou mesmo sertão/litoral, a favela consistia em um vilarejo dentro da cidade, ou seja, um espaço totalmente descolado do meio urbano “real”. Ainda que as poucas referências visuais existentes sobre a favela fossem de pobreza e precariedade, esses não eram fatores que contribuíam para a delimitação de uma questão social, conferindo apenas um caráter de exotismo a esse espaço.

⁶ Francisco Pereira Passos, prefeito da cidade do Rio de Janeiro entre 1902 e 1906, era conhecido como o “Haussman Tropical”, uma vez que várias das reformas executadas durante sua gestão foram baseadas nas reformas promovidas pelo Barão Haussman, prefeito de Paris entre 1853 e 1870. (BENCHIMOL, 1990)

A noção de favela enquanto espaço exótico e descolado da realidade da cidade pode ser apreendida a partir de alguns textos da época. João do Rio, na crônica *Os livres acampamentos da miséria*, publicada em 1911, demonstra muito bem o caráter de exotismo atribuído à favela na virada do século.

No texto fica claro que o habitante do morro não é branco, podendo ser negro ou mulato. Ainda que constantes, as referências à cor da pele dos moradores não soam como um fator depreciativo ou discriminatório, mas sim como mais uma característica que diferencia aquelas pessoas das que habitam a cidade formal.

“Abriu-se a porta lateral e apareceu primeiro o braço de um negro, depois a parte do tronco e finalmente o negro todo. (...) A sua voz era dominada por uma voz de mulher, uma preta (...)” (Rio, 1911).

A diferenciação em relação à cidade também se faz com a marcação da precariedade na qual vivem os locais. A descrição dos hábitos cotidianos em conjunto com a descrição do espaço em que se desenrolam demonstra que, na época, se considerava a vida no morro uma ocorrência paralela e totalmente dissociada da vida no meio citadino, na capital. A única relação entre as duas realidades se dá no momento do ganho financeiro, quando “deve-se descer à cidade e arranjar algum cobre”. A própria escolha do verbo arranjar, demonstra que o ganho não é garantido, mas sim resultado de sorte.

“Todas (as casas) são feitas sobre o chão, sem importar as depressões no terreno, com caixões de madeira, folhas de flandres, taquaras. A grande artéria da ‘urbs’ era precisamente a que nós atravessávamos. Dessa, partiam várias ruas estreitas, caminhos curtos para casinhotos oscilantes, trepados uns por cima dos outros” (Rio, 1911).

Pode-se observar que o favelado é associado à preguiça e à boemia no texto. Os seresteiros que acompanham João do Rio tocam o violão e bebem durante toda a noite, numa demonstração clara de que não há preocupação com o trabalho do dia seguinte. Não há menção a emprego em todo o texto e, quando se fala em ganho financeiro, este não aparece associado ao labor. Fala-se da existência de casas de família no morro, com “meninas decentes”. Mas essas famílias “de bem” também não trabalham, são compostas por operários, “mas estão parados”. E mesmo nessas casas de família há gente acordada tarde da noite.

“A vida noturna ali é como uma permanente serenata”
(Rio, 1911)

A descrição da vida no morro acaba por revelar que não só o tempo como a própria organização social na favela é independente do que acontece na cidade, funcionando segundo uma lógica própria. Os horários no morro são flexíveis, e mesmo que, em um primeiro momento, existam regras (hora de acordar ou de dormir), isso pode ser mudado de acordo com as necessidades das pessoas. No morro, as convenções sociais são ditadas e reeditadas pelo próprio povo a toda hora.

“Há o arremedo exato de uma sociedade constituída”
(Rio, 1911)

“Só na grande rua que descemos encontramos mais dois botequins e uma casa de pasto, que dá ceias. Estão fechadas, mas basta bater, lá dentro abrem. Está tudo acordado, e o parati corre como não corre a água” (Rio, 1911)

A noção de que a sociedade na favela é diferente da citadina também reforça a imagem de boemia do favelado. Na cidade, os “elegantes” ouvem operetas italianas no Largo da Carioca, enquanto os favelados sobem o morro para fazer serestas até a manhã chegar. A comparação entre o lazer na cidade e no morro sugere que, na cidade, a diversão é burocrática e regrada, enquanto que no morro a diversão é livre de parâmetros e normas.

É interessante notar que, fatores que no futuro serão relacionados como definidores da imagem de perigo associada à favela, como violência e doenças, nesse momento constam apenas como características descritivas que servem à noção de oposição entre favela x cidade. O personagem descrito por João do Rio se orgulha de suas cicatrizes e tanto a violência como a doença não são colocadas em primeiro plano, servindo apenas para caracterizar diferenças entre o morro e a cidade.

“(…) numa rede, tossindo e escarrando, inteiramente indiferente à nossa entrada, um mulato esquálido, que parecia tísico. (...) Benedito mudou o casaco e aproveitou a ocasião para mostrar-me quatro ou cinco sinais de facadas e de balaços no corpo seco e musculoso” (Rio, 1911).

Em suma, pode-se dizer que João do Rio nos traz uma série de características atribuídas ao morador da favela no início do século XX. Da crônica supracitada, é

possível depreender que o favelado não era branco, não tinha emprego estável, morava em situação precária, tinha problemas de saúde e não possuía grandes vínculos com o que acontecia na cidade “formal”.

Mas ainda que estivesse submetido a toda sorte de adversidades, o favelado de João do Rio não parecia ressentido da vida que era obrigado a levar. Não trabalhava por ser indolente, não questionava o fato de morar precariamente, se divertia fazendo serestas e se orgulhava das marcas que a violência deixara em seu corpo. Nessa nova realidade, que nada tem a ver com a da cidade, os valores e as regras vigentes são outros, assim como a organização societária. Nesse momento, quem não faz parte da elite simplesmente não faz parte, uma vez que não é considerado cidadão e nem é digno de constituir um povo brasileiro. “Todos os discursos tendem, mais ou menos, a apresentar um país sem povo” (Ribeiro; Cardoso, 1996: 57).

Nesse sentido, pode-se dizer que o que se quer demonstrar aqui é que, segundo essa representação, a vida na favela é o completo oposto da vida na cidade. O morador da favela era tido como um selvagem e, acima de tudo, um ingênuo, sem poder de escolha sobre sua própria situação e, sobretudo, sem demonstrar preocupação com isso. Vivia em um mundo exótico, sob condições e leis que não se aplicavam à cidade. Como afirma Valladares (2005), “a favela pertence ao mundo antigo, bárbaro, do qual é preciso distanciar-se para alcançar a civilização” (p. 36).

É importante ressaltar que, no contexto dessa representação, não se falava em “urbano”. O que havia eram intervenções localizadas, com o intuito de substituir uma arquitetura colonial e tradicional por uma eclética e moderna, uma vez que era necessária a substituição da imagem de atraso e escravidão atribuída à cidade para uma de modernidade e civilidade. Essa nova imagem haveria, claro, de ser calcada no modelo europeu, uma vez que o comércio do país se abria cada vez mais ao estrangeiro e havia necessidade de se provar para o exterior a existência não apenas de um país, mas de uma nação moderna e avançada.

No que se refere a essa primeira representação, pode-se dizer que ainda não havia um raciocínio de exclusão deliberada das classes populares do centro da cidade. As edificações eram destruídas e substituídas por outras simplesmente porque se acreditava que esse era o caminho para uma cidade mais moderna. As classes populares saíam do centro em direção aos morros simplesmente porque não havia mais onde morar na cidade. Essa movimentação era problematizada apenas no que

diz respeito a questões sanitárias (BACKHEUSER, 1905), uma vez que conceitos como desigualdade, degradação do trabalho e pobreza ainda não eram unidos sob a égide da “questão social”.

É certo dizer que na virada do século o Rio já enfrentava o que hoje convencionamos chamar de “problemas urbanos”. Mas ainda não se havia convencionado juntar tais ocorrências sob o nome de problemas urbanos. Da mesma forma, pode-se dizer que, apesar de haver um movimento de restrição e exclusão das classes pobres do centro, ou seja, da cidade afrancesada condizente com a nova imagem de progresso e desenvolvimento que se pretendia forjar para o Rio de Janeiro, essa exclusão não dava conta de uma questão social, não havia o raciocínio de que as pessoas que ali residiam iam ter que morar em *algum lugar*. Ou seja, não só não se fazia menção a qualquer questão social, como a noção de que as questões sociais e urbanas seriam interdependentes era muito rarefeita, baseada no receio de revoltas populares (BACKHEUSER, 1905).

2ª Representação: Favela pestilenta e perigosa

Como dito antes, o Rio de Janeiro vinha passando por diversas mudanças para se adequar a uma imagem de modernidade e beleza que se acreditava ser condizente com a nova república. Diversas intervenções foram tomando conta do centro da cidade, como a abertura da Avenida Central (atual Rio Branco) e a construção de edifícios de arquitetura eclética, como o Theatro Municipal. Essas intervenções transformaram rapidamente a região, destruindo qualquer construção que não fizesse parte do padrão estético desejado para a nova cidade. Nesse grupo destacavam-se os cortiços, construções com subdivisões clandestinas onde as pessoas viviam sob condições precárias, o que depunha contra o “novo” Rio de Janeiro. O cortiço abrigava os hábitos e padrões que se queria enterrar junto com a cidade velha.

Nas últimas décadas do século XIX, o Rio de Janeiro já vinha passando por uma crise habitacional, gerada por fatores como a abolição da escravatura e a imigração crescente. A demolição em massa das habitações baratas no centro da cidade alavancou ainda mais a falta de moradia para as classes mais baixas, que não encontraram outra opção senão o morro como abrigo, uma vez que este ainda não era alvo das intervenções urbanísticas e representava para muitos a única solução viável para viver na cidade.

Enquanto a ocupação do morro ainda não era problematizada, a do cortiço já o era há algum tempo. Ainda no século XIX a prefeitura da cidade desencadeou uma “guerra” contra os cortiços, proibindo sua construção e demolindo o Cabeça de Porco, um dos maiores cortiços da cidade (VAZ, 1986). O cortiço carioca⁷ era definido como um “inferno social”, antro do crime e foco de epidemias.

Vários autores estabeleceram uma ligação direta entre as demolições dos cortiços e a ocupação dos morros. Ora, já que foi a demolição massiva dos cortiços do centro que desencadeou a ocupação dos morros, nada mais justo do que afirmar que a imagem do cortiço foi emprestada ao morro, uma vez que a população que lá estava era a que um dia esteve no cortiço. Aos poucos o cortiço foi se transformando em uma lembrança, sendo substituído pelo morro e, por consequência, pela favela como o grande “vilão” da cidade. O discurso higienista que tanto depôs contra o cortiço era agora transferido para a favela, cuja definição no imaginário social foi então se transformando de precariedade exótica e inofensiva para precariedade pestilenta.

Ainda nas décadas iniciais do século XX, a noção de distanciamento que suportava a imagem da “favela exótica” (primeira representação) começou a cair por terra, quando o papel de “vilão urbano” deixou de ser interpretado pelo cortiço e passou a sê-lo pela favela. A generalização da noção desse local enquanto novo foco de doenças da cidade aconteceu em um contexto no qual o enfoque funcionalista sobre o planejamento começa a tomar forma. Não é por acaso que o Plano Agache (anos 20) é elaborado nessa época, sendo o primeiro de muitos que viriam tentar solucionar o “problema” do Rio de Janeiro. Nesse sentido, qualquer coisa que não estivesse expressa em um desenho pré-definido por um projeto estava fora do lugar, e a favela vestiu a carapuça com perfeição, como uma *heterotopia de crise*⁸ (Foucault, 1984).

Os textos que ilustram essa sessão foram concebidos em um momento no qual a favela se transformava em problema. Já no período da Reforma Passos, tem-se escritos que colocavam a favela na ordem do dia e a traziam para o centro do “problema urbano” do Rio de Janeiro. Vários desses textos passaram então a ser utilizados com o intuito de embasar ações que viriam a ser tomadas pelo governo.

⁷ Não é nossa intenção promover um estudo detalhado sobre as características específicas dos cortiços cariocas. Para noções mais aprofundadas sobre o assunto, ver Vaz (1986) e Vaz (1994).

⁸ Segundo Foucault, heterotopias se referem aos “outros espaços”, latentes e/ou indeterminados formalmente, aqueles que estão por surgir da dinâmica dos processos não revelados ou não instituídos pela sociedade. Assreuy relacionou o conceito de heterotopia à cidade contemporânea no artigo *O lixo como heterotopia da cidade contemporânea*.

O primeiro texto foi extraído de uma fala proferida por Augusto de Mattos Pimenta⁹ em um almoço no Rotary Club, em 1926. Nos escritos do autor, as características que para João do Rio descreviam um ambiente exótico, se apresentam como uma confluência de fatores que ilustram um ambiente de facilidades e “espertezas”, trazendo aí uma referência à imagem do malandro carioca¹⁰, que começa a se formar nessa mesma época. Os favelados não sofrem coerção policial e nem pagam impostos de qualquer espécie, levando a vida “na flauta”, ao contrário dos cidadãos “de bem” que estão em dia com suas obrigações.

“Desprovidas de qualquer espécie de policiamento, construídas livremente de latas e frangalhos em terrenos gratuitos do Patrimônio Nacional, libertadas de todos os impostos, alheias a toda ação fiscal, são excelentes estímulos à indolência, atraente reduto de vagabundos (...)” (Mattos Pimenta apud Valladares, 2005, p.42).

Também deve ser frisado aqui que as ações do favelado não traziam consequências apenas para o próprio, como mencionava João do Rio, mas também causavam uma série de desdobramentos para a cidade, tanto relacionadas a questões estéticas quanto ao bem estar da população como um todo. Mattos Pimenta admite a existência de uma ligação entre favela e cidade e conclui que a mesma não é nada positiva.

“(...) é mister que se ponha um paradeiro imediato, se levante uma barreira profilática contra a infestação avassaladora das lindas montanhas do Rio pelo flagelo das ‘favellas’- lepra da estética, (...) enchendo de sujeira e de miséria preferentemente os bairros mais novos e onde a natureza foi mais pródiga de beleza.” (Mattos Pimenta apud Valladares, 2005, p 42).

⁹ Membro do Rotary Club, fundador do Sindicato de Corretores Imobiliários e apresentado como médico, engenheiro e jornalista, Mattos Pimenta publicou diversos textos em veículos impressos da época, como o *Correio da Manhã* e *O Jornal* e, junto com a imprensa carioca, foi o grande empreendedor da primeira “guerra” contra a favela no Rio de Janeiro (Valladares, p. 41).

¹⁰ “Na falta de uma efetiva compreensão da especificidade das classes subalternas no Brasil em processo de modernização, a figura do malandro, a fantasia do malandro passa a povoar e aos poucos dominar o imaginário social e artístico acerca do brasileiro que supostamente transitará entre as classes sociais de algum modo negando-as e confirmando a possibilidade de superação subjetiva dos constrangimentos objetivos que as distâncias sociais engendram.” (Souza, 2004).

Deve-se observar que, nesse contexto, o favelado não possui direito algum sobre a cidade. O Rio de Janeiro é palco das mais belas paisagens e, quem detém o direito de “uso” sobre essa beleza, é quem pode pagar por ela, no caso a elite. Aqui, mas uma vez, o morador da favela é apresentado como um vilão, que não tem capacidade de apreciar a beleza da cidade e deve ser contido antes que esta seja destruída.

Contemporaneamente à “luta” deflagrada por Mattos Pimenta, o francês Alfred Agache desenvolve o primeiro plano urbanístico para a cidade do Rio de Janeiro, em 1927. Considerado o primeiro estrangeiro a escrever sobre a ocorrência das favelas cariocas (Valladares, p. 46), Agache também as apresentava em um discurso calcado no higienismo, discorrendo sobre a propagação de doenças e sujeira a partir da presença da favela.

É interessante notar que os dois autores apresentam o Rio de Janeiro como uma cidade quase “indefesa” frente os avanços da favela, tida como implacável e responsável por desenvolver uma campanha que tencionava dolosamente estragar a cidade. Agache apresenta a favela como um personagem com vontade própria, um sujeito devastador que pode acabar por destruir a cidade caso não seja contido.

“(...) as favellas constituem um perigo permanente de incêndio e infecções epidêmicas para todos os bairros através do quais se infiltram. A sua lepra suja a vizinhança das praias e os bairros mais graciosamente dotados pela natureza (...).”
(Alfred Agache apud Valladares, 2005, p.47).

Mas, ao contrário de Mattos Pimenta, para quem o favelado espalha “sujeira e doença” por vontade própria, Agache observa que a omissão do governo em reconhecer e sanar a crise habitacional tem sua parcela de responsabilidade no que diz respeito ao crescimento e manutenção das favelas cariocas. As favelas se desenvolvem como um câncer que se espalha pelo corpo – cidade, não só motivadas pela associação entre más condições de higiene e maus hábitos em geral como também pela escassez de habitação popular.

“pode-se dizer que são o resultado de certas disposições nos regulamentos de construção e da indiferença manifestada até hoje pelos poderes públicos, relativamente às habitações da população pobre.” (Alfred Agache apud Valladares, 2005, p.48).

“(A favela) é composta, porém, de uma população meio nomada, avessa a toda e qualquer regra de higiene.”
(Alfred Agache apud Valladares, 2005, p.47).

Os textos dos dois autores, assim como os de muitos outros que expressaram opiniões sobre a favela nesse momento, demonstram que o foco sai das particularidades do cotidiano dos moradores do morro e passa a ser generalista, levando em consideração a ocorrência da favela como um todo e sua relação com a cidade formal. Aqui, não se fala mais das serestas, do funcionamento do comércio e da vida cotidiana da população, como nas narrativas de João do Rio, entrando em foco a noção clara da diferenciação de classes e valores pertencentes a elas. O morador do morro não era apenas pobre e sujo, mas também era iletrado e sem respeito pela cidade, estragando deliberadamente sua beleza natural. A vida na capital deveria ser vivida por quem se incluía em um quadro de condições e regras e o favelado, por ser um caso perdido, deveria ser impedido de conviver com os que se incluem nessa escala de valores hegemônica.

À medida que as particularidades do cenário da favela ficam relegadas a um segundo plano e a visão que se tem é a do espaço como um todo, generalizado em uma macro escala, fica mais fácil enxergar o morro apenas como um grande vilão urbano, desconsiderando as relações sociais e de vizinhança que tomam forma em uma escala menor, ao nível do indivíduo.

Apesar do Plano Agache e da noção de projeto urbano que começava a se delinear, ainda não se pode dizer que o movimento de exclusão das classes populares tenha sido acompanhado por um projeto social. Ainda que algumas propostas tenham sido feitas, a verdade é que a parte do Plano que interessava era a demolição dos cortiços e dos barracos nos morros, acompanhada da exclusão da população relacionada. O quesito reassentamento ficava sempre relegado a um segundo plano e nunca era levado às vias de fato.

Portanto, é certo dizer que essa segunda representação da favela se trata muito mais de legitimar a existência dos problemas urbanos que se interessava em dar fim, com o objetivo de construir uma nova imagem para a capital, do que resolver os problemas urbanos que de fato existiam (Pechman, p.334). Assim como os cortiços foram demolidos porque depunham contra a estética e saúde, as favelas também deveriam sê-lo, por representarem uma herança do cortiço. Nem a crise habitacional (que representa um problema urbano), nem a questão social foram problematizadas

quando da demolição dos cortiços e, aparentemente, não viriam a ser problematizadas em relação às favelas. Aqui, mais uma vez, o foco está direcionado à noção que se tinha da cidade, e não à cidade em si. Não se demonstrou uma problemática social, mas sim uma preocupação com a imagem que a capital viria a ter enquanto representante do país no panorama internacional.

Em relação à imagem que se tem da favela e do favelado, a descrição pouco muda da primeira para a segunda representação. O que muda é a conotação embutida nas características apresentadas, assim como a escala da análise proposta. A visão da favela como um todo inserido na cidade e não mais como eventos localizados aqui e ali, dá o tom de outra forma de se pensar o urbano. Como na primeira representação a favela era apresentada como um conjunto de pequenas ocorrências geradas por certos indivíduos, em determinados pontos da cidade, sem guardar qualquer relação com ela, a identificação dos “problemas urbanos” durante o período acompanhava essa imagem, sendo apenas pontual. Já a segunda representação demonstra a favela como uma ocorrência generalizada que se insere e se alastra pela cidade, de modo que identificação e intervenções pontuais não são mais suficientes para dar conta dessa questão. Assim, a identificação pontual dos “problemas urbanos” dá lugar ao planejamento urbano, ou seja, à investigação e intervenção generalizadas, apoiadas pela noção da favela pestilenta e perigosa.

Nesse ínterim o favelado continua não tendo representação política ou social de qualquer tipo. Agora a conexão favela-cidade já se faz no imaginário social, o que faz com que a presença do favelado na cidade passe de despercebida para indesejada.

3ª representação: Favela como embrião do conjunto habitacional

A expansão das favelas ainda estava longe de se tornar um movimento consolidado quando passou a ser representada como um problema urbano. Nos anos 20, muito se escreveu sobre seu alastramento e a necessidade premente de demolilas, no intuito de fazer com que a pobreza recuasse e “livrasse” a cidade do caos. Mas, naquela época, não se tinha uma idéia real do número de favelas e favelados residentes no Rio de Janeiro, uma vez que os censos realizados até então no município não consideravam a existência da população residente nesses locais.

O primeiro recenseamento que considerou a existência das favelas na cidade foi feito pela prefeitura do Rio de Janeiro em 1947, quando foram totalizadas 105 ocorrências, onde residiam pouco menos de 140 mil pessoas. Isso equivalia a apenas 7% da população total da cidade na época (Valladares, p. 64). Ou seja, se em meados do século XX a população favelada mal chegava a 7% do total do município, na década de 20 o dito “problema” não podia ser tão grave quanto se queria fazer acreditar.

Na década de 30 o espaço urbano já era bastante estratificado socialmente e o Plano Agache só viria para oficializar o que de fato já existia (Abreu, 2006, p.94). Ainda que no período anterior houvesse a tentativa de conter o crescimento das favelas, não se pode negar que, além de serem necessárias para abrigar a mão de obra barata, também constituíam uma reserva infinita de votos, importantes a partir de meados da década de 40, momento no qual o país passava por mudanças políticas para adentrar um período mais democrático.

Nesse contexto, era necessário que houvesse uma grande reviravolta na visão que se tinha do pobre e de sua relação com a cidade e a sociedade. A noção da pobreza enquanto fato inevitável foi dando lugar à noção de que a pobreza era um empecilho para a formação, não só de uma cidade moderna, mas também de um Estado Moderno (Ribeiro; Cardoso, 1996, p.60). Portanto a exclusão, forma com a qual se lidava com o pobre e a favela até então, não mais seria pertinente a partir de agora. Era preciso que o pobre favelado deixasse de sê-lo e alcançasse um novo estilo de vida, calcado em valores condizentes com o que era ditado pela sociedade moderna, sendo obrigação do Estado garantir que isso acontecesse. Tal enfoque estava alinhado com o darwinismo social¹¹, pensamento reinante em meados do século XX.

A marca mais forte do Governo Vargas talvez tenha sido o seu caráter doutrinário, uma vez que, naquele momento, cultura e educação eram vistas, acima de tudo, como questões políticas. Várias publicações destinavam-se a fazer propaganda do regime e difundir novas ideias. Mais do que nunca, era necessário que o povo fosse alvo de um processo civilizatório para que passasse a ser composto por cidadãos que pudessem constituir a nação brasileira.

¹¹ O darwinismo social se valia da teoria da evolução de Charles Darwin para divulgar a ideia de que apenas os mais aptos sobreviveriam, de modo que a demografia humana seria controlada dessa forma. Nesse contexto, muitos acharam que a favela simplesmente desapareceria.

Uma dessas publicações foi a revista *Cultura Política*, que circulou entre 1941 e 1945. De ampla divulgação, tal publicação era oficial e vinculada ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), cuja função era divulgar a ideologia do Estado Novo junto às classes populares. Diversos intelectuais e escritores brasileiros tiveram textos publicados na revista, como Graciliano Ramos e Gilberto Freyre, além dos próprios ideólogos do Estado Novo.

Foram analisados dois textos publicados em *Cultura Política* para ilustrar essa sessão. O primeiro foi escrito por Nair Fortes Abu-Merhy, técnica de educação da Divisão de Ensino Superior. O texto coloca a importância da economia doméstica enquanto disciplina, para a boa convivência familiar. Entre questões sanitárias e econômicas, passando por etiqueta, vestuário, habitação e mesmo alimentação, a autora descreve diversos motivos pelos quais esses fatores devem ser observados, trazendo uma espécie de “guia” a ser seguido para que se viva de forma saudável tanto em família quanto junto à comunidade.

“A economia doméstica deve atingir a todos esses objetivos – amplos e restritos - para que, criando a harmonia no lar, possa a família contribuir para o equilíbrio da sociedade e para o bem estar da Pátria.” (Cultura Política, Ano 3 Num 23, p. 73)

“Uma análise das exigências básicas, uma distribuição equitativa, tudo isso deve ser aprendido. (...) É preciso criar uma mentalidade de ‘formiga’ e acabar com a de cigarra’...” (Cultura Política, Ano 3 Num 23, p. 73)

Pode-se dizer que o conceito de educação nesse período tem seu significado em diversas esferas. O homem deve ser educado não só para saber se portar a contento junto a sua família e seus iguais como também perante a sociedade em sua totalidade, tanto nas esferas locais quanto em um panorama nacional. No texto de Neusa Feital, professora do Departamento de Educação Nacionalista da prefeitura do então Distrito Federal, fica clara a ideia de que se deve educar o povo no sentido de transformar indigentes em cidadãos. Assim como fica claro que essa noção é baseada em experiências estrangeiras, demonstrando mais uma vez que o que o objetivo a ser alcançado é chegar a um determinado patamar na corrida do desenvolvimento e compartilhá-lo com as nações ditas “desenvolvidas”.

“Um exame, ainda que superficial, na vida política dos grandes povos faz-nos pensar na necessidade cada dia mais premente de cultivarmos nos indivíduos o amor à pátria e a consciência da nacionalidade.” (Cultura Política, Ano 1 Num 3, p 142)

“A grande tarefa dos nossos dias é preparar o homem novo para o mundo novo, que a máquina e a ciência estão exigindo.” (Cultura Política, Ano 1 Num 3, p 143)

Deve-se notar que a participação do Estado era considerada essencial para que essa evolução de país subdesenvolvido para país desenvolvido acontecesse. A esfera social deve passar a ser alvo de políticas públicas e não mais relegada ao assistencialismo, pois só assim seria possível acabar com a imagem de inferioridade e dependência associada às camadas populares (Conniff, 1981 apud Valladares, 2005, p.50). O governo tem por função proteger o pobre contra as crises e os desmandos do mercado, conforme dito pelo próprio presidente Getúlio Vargas e publicado em *Cultura Política*:

“O homem do trabalho já se acha hoje protegido contra os imprevistos da existência e os seus efeitos mais imediatos e comuns.” (Cultura Política, Ano 5 Num 50, p 11)

É interessante observar que a palavra *proteger*, comumente associada ao trabalhador e às classes populares no discurso de defesa da educação enquanto mecanismo de libertação e ascensão social, pode facilmente ser substituída por *controlar*. É correto afirmar que a função da educação nesse contexto é muito mais relacionada ao controle de um povo ainda considerado inculto do que ao ensino e à cultura em si.

Observando todas as colocações acerca do exaustivo trabalho educacional que deveria ser feito junto à população, fica bastante clara a imagem que se tem do homem pobre nesse momento. A exclusão não conseguiu se mostrar um mecanismo efetivo até então, logo era necessário moldar as classes populares para que pudessem ser incluídas no projeto de construção da nação brasileira. O pobre deveria ser totalmente reformulado, passando por uma transformação em suas mais íntimas características para que pudesse tomar parte do projeto que se delineava para a “nação brasileira”.

Nesse momento o pensamento hegemônico é baseado na tecnocracia. O projeto urbano não só passa a representar a solução para o Rio de Janeiro, mas é por meio dele que os problemas de todo o país serão resolvidos. A partir da noção de que o povo é revoltado e indolente por ser submetido a péssimas condições de habitabilidade (Ribeiro; Cardoso, p.61) é que se vai chegar à ideia de que se deve dar a ele as mínimas condições de vida para que sua reprodução seja garantida. E é função do Estado se responsabilizar pelas questões sociais, até então vistas como sendo uma matéria de assistencialismo, ficando por conta, principalmente, de associações religiosas.

A ideia nesse momento é a de que é preciso reconstruir o pobre, a sua moradia e mesmo o seu cotidiano, não só pelo bem da cidade, mas também pelo bem do país. Os Parques Proletários se prestariam a esse objetivo. Construídos de forma “higiênica” para abrigar a população favelada sob a justificativa de que esta poderia voltar para as imediações de suas antigas casas assim que estivessem urbanizadas, os Parques Proletários representavam ao máximo a noção de que os favelados não são possuidores de direitos. Os favelados são na verdade espécies de pré-cidadãos, que devem ser catequizados por meio de políticas civilizatórias (Burgos, 2004, p.28).

Deve-se ressaltar que foi a partir da experiência dos Parques Proletários que os favelados passaram a ter representatividade no âmbito político, tomando pela primeira vez consciência de sua própria situação. É nesse momento que surgem as primeiras comissões e organizações de moradores preocupados com a possibilidade dos Parques se tornarem uma ocorrência permanente e generalizada. Após esse primeiro contato com o universo político, as comissões de moradores de favelas passariam a reivindicar a solução de problemas de infraestrutura e mesmo a atenção do Estado para a favela e, por consequência, para a questão social. Os movimentos associativos nesses locais se tornariam fundamentais para a reivindicação de direitos até hoje, sendo correto afirmar que a atuação política das associações de moradores de favelas é hoje muito mais forte do que em muitos bairros da cidade formal atualmente.

A crise habitacional dá o tom das ações que serão tomadas em relação à moradia popular. Portanto, essa representação acontece quando o governo toma a frente da questão no intuito de acabar com o homem da favela e conceber o homem do assentamento proletário, inserido em um ambiente controlado, onde suas atitudes serão também controladas. Uma vez obrigado a adotar novos hábitos, o homem do parque proletário não representaria uma ameaça, como o homem da favela. A

sociedade saberia o que esperar dele e o “elemento surpresa” relacionado à imagem da favela desapareceria.

Aqui o foco ultrapassa uma questão local, englobando o âmbito nacional. A imagem que se quer forjar não é mais apenas a de uma capital moderna e desenvolvida, mas sim a de um país moderno e desenvolvido. A preocupação com o pobre não pode mais ser apenas relacionada a uma dualidade favela-cidade, mas deve responder a uma questão nacional, a da formação de um cidadão brasileiro. Para isso, faz-se necessária a existência de um povo, doutrinado segundo parâmetros definidos. Nesse sentido, pode-se dizer que o favelado passa a fazer parte do plano de formação de um cidadão brasileiro, mas para isso, deve passar por um processo de reformulação.

4ª representação: Favela do tráfico e da violência

A quarta e última representação estudada acontece após um salto de mais de 15 anos no tempo em relação à anterior. Isso porque que o período da ditadura militar representou um retrocesso no que diz respeito às políticas públicas de assistência às classes populares, havendo uma interrupção abrupta nos crescentes avanços relacionados à sua participação política e cidadã, iniciados no Governo Vargas.

Portanto, pode-se dizer que o morador da favela chega aos anos 80 e ao início da abertura política pós-ditadura, novamente desamparado pelo governo e esquecido pelas frentes políticas. Em associação a esse fato, há a presença de duas figuras que serão cruciais para a definição da imagem da favela enquanto templo da violência e bandidagem. São elas: a do banqueiro do jogo do bicho (já presente nos anos 70, tornando-se mais evidente na década de 80) e do traficante de drogas.

Naquela época, frente o aumento mundial do consumo de entorpecentes, o Brasil passou a fazer parte da rota de escoamento de cocaína da Colômbia para os Estados Unidos da América (EUA) e a Europa. Além disso, o sistema prisional carioca já era dominado pela facção criminosa conhecida como Comando Vermelho, que tinha suas ideias disseminadas além das grades pelos ex-detentos. Aproveitando-se do estado de abandono no qual as favelas estavam novamente inseridas, começaram a aparecer os “donos de morro” que, na ausência de um governo local, passaram a ditar

suas próprias regras e gerenciar não só o espaço da favela como também seu cotidiano e as relações entre seus moradores.

Nesse contexto, não demorou muito para que as favelas, historicamente conhecidas por abrigar a população tida como o “resto” da sociedade, passassem a ser representadas como abrigo de bandidos, habitat natural das tão faladas *classes perigosas*. Em função da presença do tráfico de entorpecentes, todos os moradores das favelas passaram a ser vistos como traficantes ou coniventes com tal atividade criminosa, perante os olhos da sociedade. Por meio da mídia, essa representação ultrapassou as barreiras da cidade e teve alcance nacional, se não global. Isso fez com que, no imaginário social, o Rio de Janeiro passasse a ser visto como uma cidade sitiada, prestes a entrar em uma guerra que teria de um lado os favelados comandados pelos traficantes e do outro a sociedade.

Para ilustrar essa representação, foi analisado não um texto, mas um filme. A película *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meirelles, baseada em livro homônimo (1997), constitui um objeto de análise muito interessante, não só pelo seu conteúdo em si, mas também pelo tipo de mídia que representa. Esse é o único, dentre os documentos analisados, que não conta com uma suposta imparcialidade jornalística ou acadêmica, uma vez que se trata de um romance baseado em personagens fictícios. Apesar das liberdades poéticas tomadas pelo diretor do filme (e pelo autor do livro), consideramos de suma importância sua análise, uma vez que se trata de uma representação que contribuiu para definir a forma como a favela seria interpretada ao redor do mundo a partir de então¹².

O filme, que se passa entre os anos 1960 e 1980, conta a história da evolução da Cidade de Deus - um complexo de conjuntos habitacionais - até a sua transformação em favela, comandada pelo crime organizado. O relato é feito a partir do ponto de vista de um de seus moradores, o menino Buscapé. O personagem narra sua vida ao mesmo tempo em que narra a evolução do que acontece no local, dando a entender que as duas histórias são intimamente conectadas. É importante ressaltar que o filme é o único dentre os objetos analisados cujo narrador é o próprio favelado e não um observador externo.

¹² O filme *Cidade de Deus* (2002) atingiu públicos de todo o mundo, sendo ganhador de 4 Oscars, além de dezenas de outros prêmios internacionais de grande importância. Foi aclamado pela crítica especializada e pela mídia em diversos países da Europa e nos EUA.

Logo de início, o filme nos mostra que houve uma transformação na noção que se tinha de crime na Cidade de Deus. Até fins dos anos 1970, a ideia de delito se resumia a roubos isolados e baseados em uma espécie de política *Robin Hood*¹³, sendo encarado como uma questão de sobrevivência e não como possibilidade de crescimento de qualquer tipo. Já a partir dos anos 70, com a entrada do comércio de drogas no país, o crime assume outro papel dentro da favela. O delito lucrativo passa a ser o tráfico de cocaína, organizado em uma hierarquia semelhante à empresarial, representando a única possibilidade aparente de ascensão social e mesmo profissional para muitos.

“Tudo traficante, mermão! Assaltar não tem futuro. Se a gente queremos mandar na Cidade de Deus, o negócio é vender droga. A gente vamo tomar as boca-de-fumo de todo mundo aqui, meu cumpádi. E vamo começar a vender do branco, que é isso que os playboy tão querendo.” (Zé Pequeno, para Bené¹⁴)

Com isso, se afirma o tipo de relação que a favela vai passar a ter com a cidade a partir de então. É na favela que os moradores do “asfalto” vão buscar o que é considerado ilícito na cidade legal. Com a ascensão do poder regulador do “governo do tráfico”, a Cidade de Deus passa a ser considerada segura tanto pelos moradores da cidade, que vão até a favela buscar a droga, quanto pelos locais, que aparentam sentir-se protegidos pela presença do tráfico. Na ausência de entidades reguladoras, os traficantes fazem o papel de polícia, inibindo assaltos dentro da favela.

“O pior é que a Cidade de Deus virou um lugar mais seguro pros moradores depois que o Zé Pequeno assumiu o controle da situação. Quase que não tinha mais crime nenhum.” (Buscapé).

A ausência do poder público na favela é bem retratada no filme. Em vários momentos é demonstrado o total descaso das autoridades com aquele lugar, tanto em relação ao espaço físico em si (edifícios e casas que fazem parte dos conjuntos habitacionais e vão se deteriorando com o tempo), quanto em relação à presença insipiente de agentes controladores e equipamentos públicos (polícia, escolas,

¹³ Isso pode ser verificado no filme, quando o *Trio Ternura* (grupo de assaltantes formado por moradores do local) assalta um caminhão de botijões de gás e distribui tanto a carga quanto o dinheiro do motorista para a população local.

¹⁴ Todos os trechos que ilustram essa sessão foram retirados do roteiro do filme Cidade de Deus (2002).

hospitais). E mesmo quando tais agentes estão presentes na favela, essa presença funciona mais como um fator corruptor do que controlador, fato demonstrado no filme pelo comércio de armas mantido entre traficantes e policiais. No contexto proposto, a favela consiste em uma espécie “depósito” de famílias pobres excluídas de outras áreas da cidade.

“Quando eu cheguei na Cidade de Deus, eu era ainda moleque. E a minha família era como todas as outras que tavam se mudando pra lá: a gente tinha ficado sem casa por causa das enchentes... E a filosofia do governo naquela época consistia no seguinte raciocínio: não tem onde pôr? Manda pra Cidade de Deus!” (Buscapé)

“A polícia também faz a sua parte: recebe o dela e não perturba.” (Buscapé).

A película faz ainda uma colocação sobre a presença do “problema favela” na mídia da época. Após mais de um ano do início da “guerra” travada entre duas facções do tráfico de drogas pela posse das bocas de fumo na Cidade de Deus é que aparece uma matéria em um telejornal nacional sobre o evento. É interessante notar que, segundo o filme, a mídia considera que o “problema favela” se resume ao tráfico, sendo todo o resto consequência disso. O descaso das autoridades e mesmo da sociedade civil para com o saneamento deficiente, o déficit de transporte coletivo e mesmo com a pobreza em geral não entram nessa conta e, mais uma vez, a favela é resumida em uma única expressão: tráfico de drogas, termo que passa a constar como o elemento definidor de todas as relações que se dão naquele espaço.

É importante notar que, segundo o filme, os próprios moradores da Cidade de Deus têm consciência de seu estigma perante a sociedade, não se considerando cidadãos. Exemplo disso é que todos os personagens do filme são tratados por seus apelidos e em nenhum momento dizem seus nomes. O próprio narrador do filme, Buscapé, só se apresenta pelo nome quando este passa a ser acompanhado de um adjetivo que o qualifica enquanto profissional digno inserido na sociedade formal. Deixa de ser Buscapé, morador da favela e passa a ser Wilson Rodrigues, fotógrafo cujo trabalho documenta a favela para quem está fora dela. Ou seja, para o favelado, o que define seu papel na sociedade não são suas características e qualidades, mas sua localização espacial e social. O fato de residirem na favela dispensa qualquer outra definição.

A noção da estigmatização faz com que os moradores da favela tentem lutar contra a imagem de favelados. Isso é demonstrado em alguns trechos do filme, como o no qual o traficante Bené pede a Thiago - um “cliente” morador do “asfalto” – que lhe compre roupas “de marca” na cidade. Após a “transformação”, Bené é apresentado aos amigos de Thiago e passa a namorar uma das meninas da turma, definida pelos favelados como uma *cocota*¹⁵. Além disso, também é demonstrado que as festas na favela seguem o padrão das festas na cidade, onde tocam músicas americanas dos gêneros Pop e Black.

“Virei prayboy, aí.” (Bené)

O único personagem do filme que consegue quebrar o círculo vicioso do crime e sair do universo doentio que representa a favela é Buscapé. A árdua trajetória do personagem desde a infância pobre até se tornar um funcionário de um jornal conceituado é demonstrada na película, transparecendo a mensagem de que, apesar de tudo, a mudança depende apenas do sujeito, ou seja, a máxima do “quem quer, consegue”.

O filme *Cidade de Deus* reflete algumas imagens que a sociedade em geral guarda do favelado nesse momento, principalmente em relação à convivência dos moradores com o crime organizado, colocado como o fator que garante a segurança de todos na favela. Além disso, a trajetória de Buscapé e sua procura bem sucedida por um meio de sair do universo da favela acaba depondo contra os demais moradores, como se não fizessem nada para mudar sua situação e fossem resignados à vida na favela. Das tentativas de se igualar aos moradores da cidade legal, seja por meio das roupas ou dos costumes, pode-se inferir uma demonstração do ressentimento do favelado em relação à cidade, coisa que não havia aparecido até então em nenhuma das representações colocadas anteriormente.

É com essa imagem que a favela alcança sua representação máxima junto ao imaginário social, de modo que a relação favela – cidade apareça invertida. Se antes a favela representava uma ocorrência dentro de um panorama maior – a cidade, agora a ideia é que a cidade está contida por um cinturão de favelas. Deve-se ressaltar que o substantivo *favela* aqui reúne todo um universo de outras palavras e expressões, como favelado, pobre, marginal, tráfico de drogas e violência. A imagem que se tem é a de que a favela finalmente tomou conta da cidade, restando aos “homens de bem” a

¹⁵ Gíria muito comum nos anos 70 usada para designar uma mulher bonita que detém aspecto de menina.

opção de se recolherem em seus *enclaves fortificados*¹⁶. Ao contrário das representações anteriores, em que se queria livrar o meio urbano da pobreza, a ideia que se coloca aqui é exatamente o oposto. Ou seja, quem pode se recolhe a espaços particulares, onde permanece inserido em um universo controlado, junto aos seus iguais. A quem não tem condições de frequentar tais lugares, resta a rua como opção.

Pode-se dizer que essas representações da favela enquanto templos da violência, e do favelado enquanto malfeitor, servem bastante aos interesses do capital na cidade contemporânea por meio da incorporação imobiliária, uma vez que, com base no medo generalizado, é possível vender todo tipo de ideia a partir da noção de segurança. A ideia que acaba sendo vendida é que a sociedade pode estar 100% segura, desde que se invista em um determinado aparato, como encontramos em Bauman (2009):

“Acreditamos que a segurança total é algo possível e, quando percebemos que não iremos alcançá-la, explicamos o fato a partir de um ato mal, de um delinquente.” (Bauman, p 15).

Nesta última representação, o favelado é mais uma vez abandonado à margem da cidadania e dos processos políticos. A ruptura com o processo de integração política durante o governo militar deixou marcas profundas na dinâmica da favela (Burgos apud Zaluar, 2004, p.43), que dessa vez passou a ser gerenciada de outra forma, diferentemente do que aconteceu durante a segunda representação, quando ainda não havia qualquer tipo de organização ou regulação. Ainda que nos anos 80 tenha havido uma movimentação de abertura política e mesmo empoderamento das classes populares por meio da nova Constituição e do Movimento pela Reforma Urbana, não se pode dizer que foram fatos que mudaram sensivelmente a imagem da favela de imediato. O homem da favela deixou mais uma vez de constar dos planos para a construção do cidadão brasileiro, que passou a ser representado novamente pelas elites.

A situação demográfica da favela carioca nesse momento está muito diferente da que existia na metade do século XX. Se em 1947 apenas 7% da população carioca residia nas favelas, em 1991 este número subiu para 40%, levando-se em

¹⁶ Teresa Pires do Rio Caldeira discute a expansão dos condomínios residenciais e outros espaços de segregação em *Enclaves fortificados: a nova segregação urbana*.

consideração também assentamentos irregulares e conjuntos habitacionais (VALLADARES, 2005). Ou seja, agora sim se pode dizer que as favelas representam uma realidade consolidada na cidade, ficando difícil pensar em alternativas baseadas na exclusão social ou demolição generalizada.

Representações da favela e noções de oposição

Historicamente, pode-se dizer que a idéia de cidade moderna e desenvolvida se constitui a partir da noção de utopia, no sentido desta estruturar o lugar idealizado, sendo o motor do planejamento urbano a tentativa eterna de tornar o espaço da cidade o espaço ideal para ser habitado. Nesse sentido, pode-se dizer que um dos objetivos aos quais as representações da favela se prestam é o de delimitar uma noção do que seria a cidade ideal, a partir da oposição relacionada à cidade que existe de fato e está longe de ser perfeita.

Cabe aqui ressaltar que, independente da imagem que represente o morador da favela em qualquer das representações estudadas, ele é sempre visto como um “outro”, alguém que, apesar de partilhar certos espaços da cidade com os “normais”, não faz (ou não deve fazer) parte da sociedade em geral. Mesmo quando a ideia é educar (terceira representação), esta se funda em outra natureza de conhecimento, baseada muito mais na instrução do indivíduo dentro de um escopo predeterminado do que na formação de um conhecimento subjetivo que pode vir a se abrir para qualquer campo. A própria favela é vista como outro espaço que, mesmo se relacionando com o universo da cidade, não faz parte dele. Ou seja, favela e cidade são ocorrências que não se misturam, havendo então uma justaposição e não uma sobreposição de espaços.

Deve-se também observar que a transformação da imagem da favela ao longo do tempo por meio das representações modifica também a sua relação com a cidade considerada legal. A favela passa de ocorrência escondida e desimportante no panorama citadino (início do século XX), para um momento em que se torna um dos aspectos definidores do meio urbano. Ou seja, a imagem que a cidade passa a deter é formada pela junção de espaços “oficiais” aos “extraoficiais” (fim do século XX). Assim, pode se dizer que em um período de cem anos, a imagem da favela evoluiu de uma micro ocorrência dissociada da cidade para um macro espaço, que não só faz parte da cidade, como também ajuda a defini-la e constituí-la.

Até aqui, estudamos as representações de favelas enquanto definidoras de relações de oposição à cidade. O aspecto que une todas essas representações é o fato de todas elas determinarem o espaço da favela como o lugar no qual ninguém quer estar, por vezes de forma mais velada, por outras de forma mais incisiva. Só que essa abordagem deixa de fazer sentido no presente, quando vemos as favelas cariocas se tornando cada vez mais alvo de investimentos que objetivam seu desenvolvimento turístico, partindo do pressuposto de que as favelas são lugares únicos e exóticos, merecendo, portanto, serem visitados. Cada vez mais, aparecem hotéis, restaurantes, museus, centros culturais e outros equipamentos destinados a tornar o espaço da favela mais convidativo.

E, em meio a isso tudo, há o morador da favela. Nada do que foi exposto até aqui nos informa sobre o modo como os moradores de favela apreendem sua realidade, ou mesmo a representação que lhes define perante os olhos da sociedade. Como Certeau bem observou, “a presença e a circulação de uma representação (...) não indicam de modo algum o que ela é para os seus usuários” (Certeau, 1994, p.40). É nesse sentido que começamos a estudar a possibilidade de uma representação contemporânea de favela, que chamamos de “comunidade colorida”. No capítulo que se segue, procuraremos discutir a formação dessa nova representação, o modo como os atores que a compõe se relacionam e a pertinência dos conceitos de estratégia e tática nesse contexto.

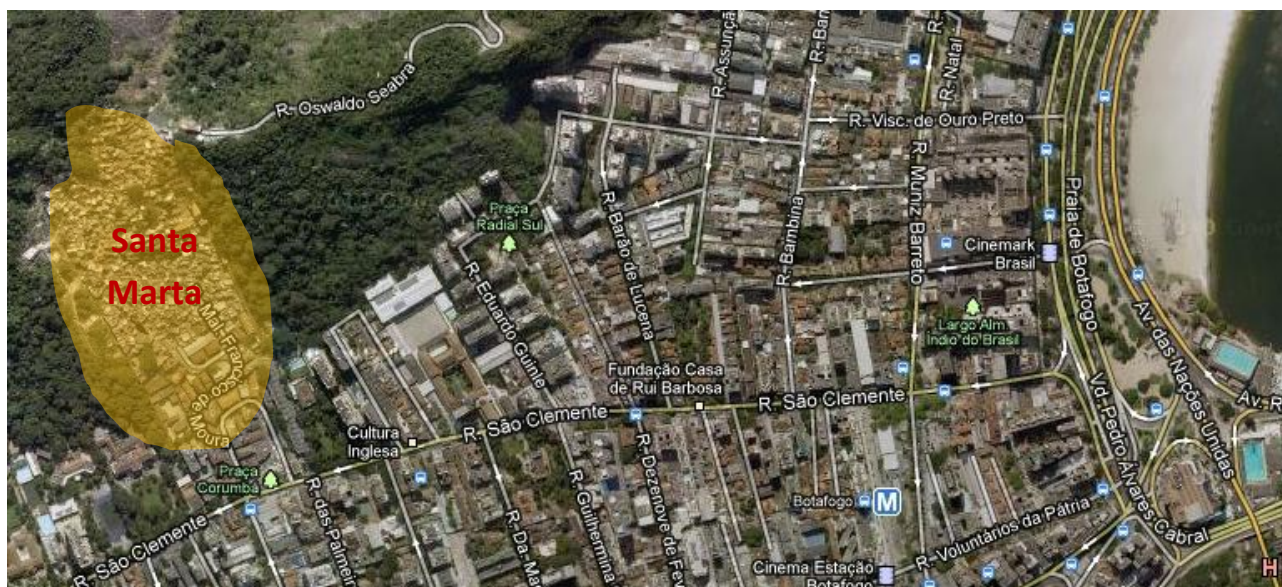


Figura 2: Localização da favela em relação ao bairro de Botafogo. *Google maps*

A favela é conhecida atualmente tanto por Santa Marta como também por Dona Marta. Há várias explicações para tal fato: Dona Marta é o nome do morro em si, enquanto acidente geográfico¹⁹ e Santa Marta é o nome original da favela, ainda que não haja evidências quanto à data exata na qual a ocupação passou a chamada dessa forma. Na década de 1930, com a chegada do Padre Velloso²⁰ ao local, foi construída uma pequena igreja católica no alto do morro, com o objetivo de abrigar uma imagem de Santa Marta trazida por uma devota, anos antes. Acredita-se que o nome da favela teve aí sua origem. Contemporaneamente, o nome Dona Marta tem sido muito utilizado como forma de afirmação religiosa, por conta do grande número de evangélicos²¹ que reside no local.

A história do morro nos leva à década de 1920, quando a congregação jesuíta que fundou o Colégio Santo Inácio comprou diversas chácaras em Botafogo. Desse modo, o Dona Marta passou a fazer parte das terras da escola. A partir de 1924, o padre José Maria Natuzzi, diretor do colégio, começou a permitir que operários pobres e suas famílias estabelecessem moradia no Santa Marta, dando início à ocupação do morro.

É correto afirmar que a Igreja Católica sempre configurou um fator decisivo na conformação e desenvolvimento da ocupação do morro Santa Marta. Além de permitir

¹⁹ Armazém de Dados da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

²⁰ Padre Pedro Belisário Velloso Ribeiro (1902-1993), realizou diversos trabalhos de assistência religiosa e social no Dona Marta, por mais de 40 anos. Ainda hoje seu nome é referência em se tratando de projetos assistencialistas na favela Santa Marta.

²¹ Devotos de religiões evangélicas são contrários à adoração de santos, motivo que os levaria a fazer uso do nome Dona Marta.

a ocupação da área, a Igreja promoveu círculos operários com o objetivo de organizar os moradores e foi decisiva em vários momentos da história do local, como a organização para a construção da caixa d'água (anos 60), mutirões de construção, manutenção de creches, etc.

Nos trinta anos seguintes, a ocupação no Dona Marta cresceu consideravelmente, em parte por causa da grande oferta de emprego na construção civil (crescimento de Copacabana, orla de Botafogo e mesmo pelas sucessivas ampliações da Paróquia Santo Inácio). O censo de 1950 já registrava 1632 moradores no Dona Marta. A partir do governo de Carlos Lacerda, na década de 60, várias favelas da Zona Sul foram removidas, como a favela do Pasmado, em Botafogo e a da Catacumba, na Lagoa. Mas as moradias desta permaneceram intocadas, uma vez que aquelas terras eram de propriedade dos jesuítas e, portanto, estavam fora do processo especulativo.

Nesses termos, a ocupação do Dona Marta foi aumentando gradativamente, passando dos pouco mais de 1.500 habitantes em 1950 para 12.105 habitantes em 1979. Houve durante os anos 1970, um aumento no número de migrantes oriundos das regiões Nordeste e Norte (anteriormente a população era formada basicamente por migrantes do estado de Minas Gerais e do norte fluminense). A partir dos anos 80 verificou-se uma modificação no padrão construtivo das habitações do local, sendo as casas de madeira substituídas por casas de alvenaria.

Ainda durante os anos 80, a favela se tornou um ponto estratégico para o tráfico de drogas, mesmo com a proximidade do 2º Batalhão da Polícia Militar, localizado na Rua São Clemente, a dois quarteirões da via de acesso à favela. Tal situação perdurou até o ano de 2008, quando foi instalada no topo do morro a primeira Unidade de Polícia Pacificadora (UPP)²² do Rio de Janeiro. Segundo a Secretaria de Segurança Pública do Estado, todos os pontos de venda de drogas do Santa Marta foram extintos após a chegada da UPP.

²² As UPP fazem parte de uma iniciativa da Secretaria de Segurança do estado, cujo objetivo é “recuperar territórios perdidos para o tráfico e levar a inclusão social à parcela mais carente da população” (site oficial das UPP). Desde 2008 já foram ocupadas mais de 20 favelas nas Zonas Sul, Norte e Oeste da cidade. Uma das grandes críticas que se faz a essa estratégia é que o tráfico não está necessariamente sendo combatido, e sim, sendo deslocado para favelas localizadas na Baixada Fluminense.



Figura 3: Homem é preso pela polícia no Dona Marta, Agosto de 1987. *Marcelo Regua*



Figura 4: Fachada da UPP Santa Marta. Outubro de 2011. *Claudia Seldin*

Após a instalação da UPP, o Dona Marta se tornou uma espécie de vitrine de programas de urbanização. No mesmo ano de 2008 foi inaugurado o Plano inclinado do Santa Marta, um sistema de bondes que liga as partes alta e baixa da favela. O sistema funciona sobre trilhos e conta com cinco estações, em um trajeto linear de 340 metros. A instalação do veículo faz parte de um projeto de urbanização gerido pelo governo do estado do Rio de Janeiro, que prevê ainda obras sanitárias, construção de escadarias e áreas de lazer e relocação de pessoas cujas casas se encontram em “áreas de risco”²³. Tais obras e “melhorias”, associadas à inauguração da UPP são consideradas marcos no que diz respeito à abertura da favela para o acesso de pessoas que não residem no local, como veremos nas páginas seguintes.



Figura 6: Veículo do Plano Inclinado. Outubro de 2011. *Claudia Seldin*



Figura 7: Primeira estação do Plano Inclinado. Outubro de 2011. *Carlos Rodrigo Avilez*

Mas o Dona Marta já era razoavelmente conhecido antes de tais intervenções. Ainda nos anos 1990 a favela ganhou bastante projeção, inclusive internacional, por conta da presença de Michael Jackson no local. Em 1996 o cantor veio ao Brasil para

²³ Casas localizadas na parte mais alta da favela.

gravar o videoclipe da música *They don't care about us*, que tem como cenário o Pelourinho, em Salvador, e a favela Santa Marta. A presença do artista teve grande significado para os moradores da favela, tanto que uma das locações do videoclipe (uma laje) foi transformada em uma espécie de praça, nomeada “laje Michael Jackson”. Há uma estátua em bronze do cantor no local, que se tornou um ponto de referência tanto para quem lá reside como para quem vem de fora. Na época das filmagens, a favela ainda era dominada pelos traficantes de drogas, sendo foi necessário pedirem sua autorização para que o videoclipe fosse gravado. Houve grande veiculação na mídia sobre o acontecimento e, dada a repercussão que tal evento gerou, pode-se dizer que a presença do cantor no Dona Marta foi a primeira grande “mercantilização” do local.



Figura 8: Michael Jackson no Dona Marta. 1996. *Aníbal Philot/Agência O Globo*

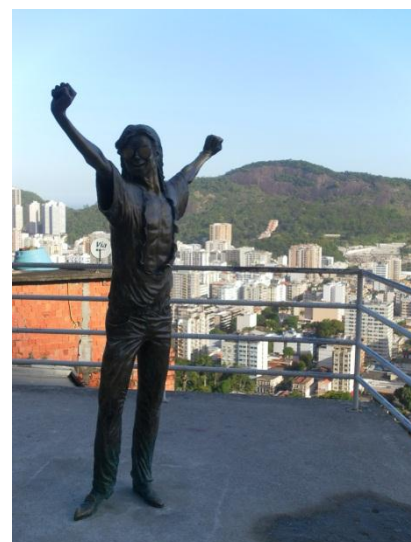


Figura 9: Laje Michael Jackson. Outubro de 2011. *Patrícia Assreuy*

Desde então a favela vem servindo de cenário para diversas produções artísticas, tanto nacionais como internacionais. As cantoras norte-americanas Beyoncé e Alicia Keys gravaram videoclipes no local, que também recebeu visitas da cantora Madonna. O Dona Marta já foi cenário para uma telenovela²⁴, um filme hollywoodiano²⁵ e uma de suas casas foi palco de uma intervenção arquitetônica promovida pelo apresentador Luciano Hulk²⁶. Atualmente, é bastante procurada por promotores de eventos e turistas interessados em conhecer “o outro lado do Rio de Janeiro”²⁷. É sobre isso que falaremos a seguir.

²⁴ A novela *Viver a Vida*, da Rede Globo foi gravada no local entre 2009 e 2010.

²⁵ Um dos filmes da sequência *Velozes e furiosos* foi gravado no Dona Marta, em 2010.

²⁶ Em dezembro de 2009 uma casa localizada na favela foi reformada durante o quadro “Lar doce Lar”, do programa *Caldeirão do Huck*.

²⁷ Retirado do site Favela Tours (<http://www.favelatour.com.br/index.html>)

Os atores envolvidos: governo, investimento privado, morador

Não é nosso objetivo discorrer a fundo, nessa dissertação, sobre programas de urbanização executados pelo estado. Nesse momento, basta frisar a influência dessas intervenções enquanto definidoras da representação de favela que abordaremos. A noção da favela urbanizada, onde há saneamento, oferta de serviços básicos e segurança, é muito recente e passa pela aplicação de programas e projetos como o PAC²⁸, Favela-Bairro²⁹ e UPP. Nos casos colocados a seguir, podemos observar que tanto a pacificação das favelas cariocas como a infraestrutura trazida pelos projetos de urbanização são colocados como pontos chave para garantir o desenvolvimento da imagem desses locais enquanto dignos de visitas turísticas e palco de festas e eventos.

São muitos os investidores privados que mantém algum tipo de relação econômica com as favelas. Na Santa Marta, por exemplo, há empresas promotoras de eventos, bancos, lojas de departamentos, empresas de turismo. Grande parte das atividades desenvolvidas por tais atores se vale da noção da favela como um lugar exótico, inusitado e, mais recentemente, seguro.

²⁸ O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) foi lançado pelo governo federal em 2007 que englobava uma série de políticas econômicas planejadas para os quatro anos seguintes. Tinha por objetivo acelerar o crescimento econômico do país, sendo sua prioridade o investimento em infraestrutura, principalmente nas áreas de saneamento, habitação, transporte, energia e recursos hídricos. Em 2010 foi lançado o chamado PAC2, continuação do programa anterior e que se subdivide em seis projetos: Cidade Melhor, Comunidade Cidadã, Minha Casa, Minha Vida, Água e Luz para todos, Transportes e Energia. (Site do PAC: <http://www.brasil.gov.br/pac/>)

²⁹ O Programa Favela-Bairro, lançado em 1993 pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, visava à construção ou complementação da estrutura urbana de favelas médias já consolidadas. Coordenado com outros programas, a saber, o Bairrinho, o Regularização Fundiária, o Morar Sem Risco, o Morar Carioca e o Novas Alternativas, era parte da política habitacional elaborada pela prefeitura. (CONDE, MAGALHÃES, 2004)



Figura 10: Fachada da loja Casa & Vídeo, localizada no Dona Marta. Há várias unidades dessa loja no Rio de Janeiro. Outubro de 2011. *Patrícia Assreuy*

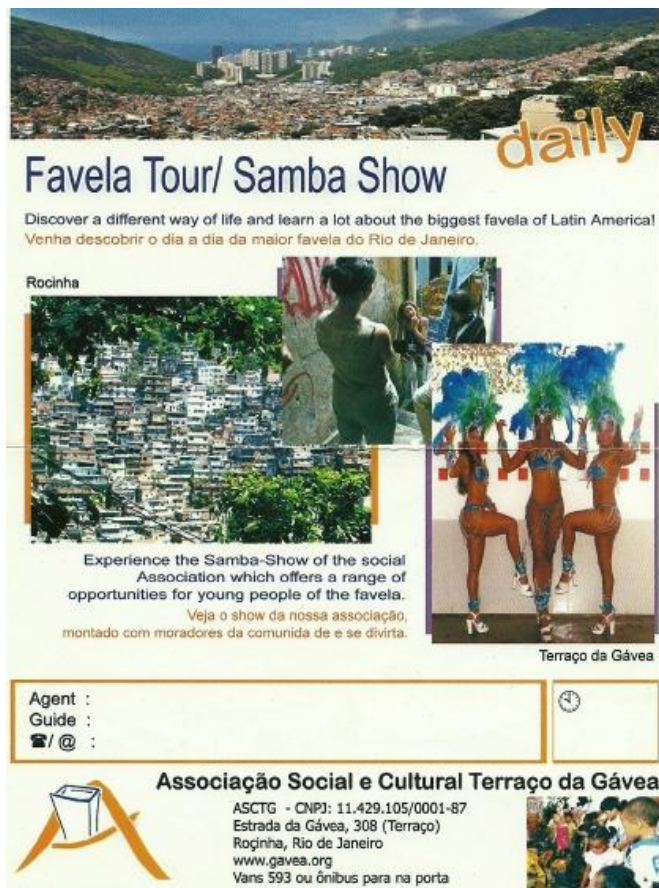


Figura 11: Panfleto de turismo. É interessante observar a junção entre as imagens da favela e a das passistas de samba, de modo que a segunda ressalta o caráter turístico da primeira.

Desde a década de 1990 as empresas de turismo vêm aproveitando o crescente interesse sobre a vida nas favelas para oferecer os mais diversos roteiros de visita a esses lugares. A maior parte deles conduz visitas a favelas da Zona Sul carioca, uma vez que estas detêm uma “vista espetacular” da cidade e tornam possível “tirar fotos de uma vista do Rio de tirar o fôlego”³⁰. A favela da Rocinha é o local escolhido por quase a totalidade das empresas estudadas, por esta ser a “maior favela do país” e “a maior favela da América do Sul”³¹. Apesar disso, nota-se o crescimento no número de empresas que oferece visitas às favelas pacificadas, como é o caso da Santa Marta.

³⁰ Trechos retirados de websites que promovem roteiros turísticos em favelas. O primeiro é da empresa *Indiana Jungle* (<http://www.indianajungle.com.br>) e o seguinte da empresa *Favela Tour* (<http://www.favelatour.com.br>).

³¹ Trechos retirados dos sites da empresa *Favela Tours* e *Exotic Tours* (<http://www.exotictours.com.br>). Cabe colocar que essa informação não é verdadeira, pois exclui das estatísticas as conurbações de favelas, que passaram a ser denominadas “complexos de favelas”.

Percebe-se claramente que existem dois tipos de empresas que exploram o turismo em favelas. Há as empresas especializadas em visitas guiadas a favelas, levando os visitantes a bailes funk, projetos sociais, lojas de “artesanato local” e outros tipos de experiências consideradas “específicas de favela”. Por outro lado, há empresas especializadas em *turismo de aventura* que, além de explorar o nicho das visitas a favelas, também promovem esportes radicais, escaladas, cavalgadas, caminhadas na floresta da Tijuca, etc. Em ambos os casos, a favela é descrita como um local “vibrante” e “cheio de vida”.

“... enquanto desce, você consegue ter uma visão única do espírito vibrante das pessoas, especialmente das crianças.”
(Be a local)³²

“... mostrar a alegria, solidariedade e receptividade por parte dos moradores da comunidade carioca.” (Jeep Tours)³³

O público-alvo dos *tours* é, sem dúvida, o público estrangeiro. Os websites das empresas estudadas oferecem informações em diversos idiomas, como inglês - predominante, francês, alemão, espanhol e italiano. Isso poder ser percebido principalmente nos websites das empresas cujo foco é exclusivamente o turismo em favelas. As empresas voltadas para o turismo de aventura oferecem também informações em português.

Pudemos observar que as empresas especializadas em visitas a favelas colocam a noção de “olhar diferenciado” como o maior produto do seu trabalho, bem como a ideia de que os turistas que contratam tais passeios não só são bem vindos como serão aceitos pela população local enquanto iguais.

“Don’t be a gringo, be a local!” (Be a Local)

“Milhares de pessoas de todo o mundo (nos visitaram) procurando por um ponto de vista interno do Rio de Janeiro e sua cultura.” (Exotic tours)³⁴

³² A empresa Be a Local tem sede em Copacabana e é especializada em roteiros envolvendo favelas: bailes funk, visitas guiadas e trabalho voluntário.

³³ A empresa Jeep Tours tem sede em São Cristóvão e disponibiliza visitas guiadas a diversos pontos turísticos da cidade, utilizando para isso veículos abertos modelo Jeep.

³⁴ A empresa Exotic tours tem sede em São Conrado (favela Vila Canoas) e, além de diversos roteiros em favelas, disponibiliza passeios em pontos turísticos tradicionais e turismo de aventura.

“Não seja tímido, você é bem vindo lá e as pessoas do local aprovam a sua visita.” (Favela Tour)³⁵

Observa-se que grande parte do apelo promovido por tais empresas é baseado no interesse dos visitantes, que as consideram lugares nos quais é possível se ter experiências verdadeiras, autênticas, onde é possível “ver a vida como ela é”. Esse interesse foi abordado por Bianca Freire-Medeiros em seu livro *Gringo na Laje*. Segundo a autora, a “fixação pela autenticidade” ganhou um grande impulso nas sociedades ocidentais a partir da década de 1960, caracterizada pelas lutas contra a repressão e a discriminação. Esse período foi marcado pela ênfase na necessidade de expressão dos sentimentos, associado a um “sentimento de nostalgia” diante do autêntico supostamente perdido. E esse autêntico só pode ser recuperado “a partir de um duplo movimento: por meio do incremento das interações face a face e por meio da revalorização das culturas vistas como ‘não contaminadas’ pelo racionalismo ocidental” (p. 44) Dado isso, não é coincidência que a noção da favela enquanto lugar da interação, da reciprocidade e da solidariedade é colocada com tanta frequência pelos promotores dos *favela tours*.

“Na Rocinha existe um sentimento de solidariedade não encontrado em nenhum outro bairro da zona sul do Rio, e que possibilita um convívio pacífico entre seus moradores.” (Indiana Jungle tours)³⁶



Street market in Rocinha



View from Rocinha

Figura 12: Imagem retirada do site *Favela Tour*, cuja legenda lê: comércio de rua na Rocinha.

Figura 13: Imagem retirada do site *Favela Tour*, cuja legenda lê: vista da Rocinha.

³⁵ A empresa Favela Tour tem sede em São Conrado (favela Vila Canoas) e é especializada em visitas guiadas à Rocinha e à favela Vila Canoas.

³⁶ A empresa Indiana Jungle Tours tem sede no Itanhangá e é especializada em turismo de aventura.

É comum a associação entre agência de turismo e moradores locais. Ou mesmo entre agências e projetos socioculturais. No primeiro caso, é de praxe que se firmem contratos entre as duas partes, onde a agência paga um valor fixo ao morador para que este disponibilize sua casa ou sua laje para ser visitada por turistas. No segundo, as agências levam turistas a escolas, oficinas e sedes de projetos sociais, que dizem se beneficiar da presença dos visitantes. Devemos ressaltar que a ideia de que a visita a favelas é benéfica a esses locais parece ser o que move muitos turistas a visitá-los, noção que é passada pelas próprias agências turísticas.

“O Exotic tours treina jovens locais para escoltar curiosos de fora pela favela. O workshop de turismo traz algum dinheiro para dentro da comunidade.” (depoimento em inglês, site da Exotic Tours)

“Esse projeto social (Para Ti) é financiado pelo tour. Além de aulas regulares, a escola ensina às crianças locais noções básicas de informática e artesanato, que pode ser comprado pelos visitantes.” (site do Favela Tours)



Figura 14: Turistas se misturam às crianças na sede do projeto social Para Ti. Site Favela Tour



Figura 15: Guias-mirim de turismo do Exotic tours. Site Exotic tours.

Ainda que, como colocado anteriormente, o turismo em favelas seja uma prática comum desde os anos 1990, as entidades governamentais só demonstraram reconhecer tal fato em 2006, quando a Empresa de Turismo do município do Rio de Janeiro (RioTur) incluiu a favela da Rocinha na lista de pontos turísticos oficiais da cidade. Quatro anos depois, em 2010, seria lançado pelo então Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, o projeto Rio Top Tour, uma parceria entre o Ministério do Turismo e a Secretaria de Estado de Esportes e Lazer do Rio de Janeiro (SEEL). O objetivo do projeto é criar oportunidades de desenvolvimento

socioeconômico por meio do turismo³⁷, oferecendo cursos de turismo e de línguas estrangeiras aos moradores de favelas, capacitando-os como guias locais.



Figura 16: O então presidente da República Luis Inácio Lula da Silva no lançamento do projeto Rio Top Tour. Agosto de 2010. *Ministério do Turismo*

Os guias do projeto cobram uma pequena quantia pela visita guiada que, apesar de não variar de acordo com o guia (todos cobram o mesmo valor-base), não é ditada pelas entidades governamentais responsáveis pelo projeto. Dessa forma é possível haver certa flexibilidade nos valores cobrados. Na ocasião de nossa primeira visita ao local, em outubro de 2011, foi informado que o preço cobrado normalmente é de R\$ 25,00 por pessoa; porém, como não se tratava de turistas, o valor foi reduzido para R\$15,00.

O Rio Top Tour é introduzido apenas nas *comunidades pacificadas*, sendo a favela Santa Marta a primeira a receber o projeto. Aqui, novamente, temos o reforço da noção da UPP enquanto “salvação” da vida na favela, pois foi a sua instalação que permitiu a entrada de diversas iniciativas tanto do governo como de investidores privados no local. Como dito por Luiz Barretto, então Ministro do Turismo:

“As Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) estão mudando o Rio e o turismo está acompanhando essa revolução, abrindo oportunidades de geração de emprego e renda para a população.”

³⁷ Informação retirada do site do Ministério do Turismo:
http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20100830.html

Mas o turismo não é o único alvo dos investimentos em favelas no Rio de Janeiro. As favelas, em maior parte na Zona Sul, também vêm sendo palco para diversos tipos de eventos festivos, para os quais os moradores dessas favelas não constituem o público alvo. Exemplo disso são as diversas festas que vêm ocorrendo no local, principalmente na quadra da escola de samba Mocidade Unida do Santa Marta. Por lá passaram nos últimos anos festas de conhecidos blocos do carnaval de rua carioca, como Spanta Neném, Me Esquece, Imaginô?!, entre outros. Além desses eventos, cujo foco principal é o samba, também ocorrem com frequência no mesmo local, festas de grupos como o Favela Chique, cujo tema é o funk.



Figura 27: Panfleto da festa Favela chique, realizada no Dona Marta. Setembro de 2011.



Figura 28: Logotipo da festa Morro de Alegria, organizada pelo bloco Spanta Neném. Outubro de 2011.

A instalação da UPP no Santa Marta é colocado como o divisor de águas para a viabilidade de tais eventos. Lê-se no site do bloco Sambinha de Santa Marta:

“Após receber uma UPP, a quadra do Morro Santa Marta tornou-se um dos pontos turísticos mais bacanas do Rio.” (Site oficial do bloco Sambinha de Santa Marta)

E também no site da festa Morro de Alegria, promovida pelo bloco de carnaval Spanta Neném:

“Em Dezembro de 2008 o Morro Santa Marta recebeu a primeira Unidade Pacificadora de Polícia (UPP), abrindo as portas para as tão sonhadas melhorias na comunidade. Hoje, é visível a mudança na vida dessas pessoas. O Morro de Alegria vem resgatar esse histórico de sambas no morro e promover a integração entre os moradores da comunidade e os que não residem ali.” (Site oficial da festa Morro de Alegria)

Devemos observar que os organizadores de tais eventos colocam a questão da integração entre moradores da comunidade e “do asfalto” como uma das prerrogativas para que eles ocorram. Mas não é o que de fato acontece. Segundo alguns moradores da favela Santa Marta, os preços dos ingressos para as festas restringem bastante os grupos que têm acesso a elas. Os preços para as festas Morro de Alegria variam entre R\$ 30,00 e R\$60,00³⁸, e o ingresso para a última edição da festa Favela Chique no Santa Marta, ocorrida em novembro de 2011, custava R\$ 60,00. Quando indagados sobre a participação dos moradores da favela Santa Marta nos eventos promovidos pelo grupo, os organizadores da festa Morro de Alegria declararam que existe uma lista da qual constam cerca de 50 nomes de moradores da favela que podem entrar nos eventos gratuitamente.

Segundo S., guia do Rio Top Tour responsável pelas visitas realizadas, outro fator restritivo é o horário em que ocorrem tais eventos. Ela coloca que a equipe da UPP Santa Marta definiu que o horário limite para festas na favela é 1 hora da manhã, o que não condiz com o hábito dos moradores. Estes chegavam às festas nesse horário para sair entre quatro e cinco horas da manhã. A maioria dos eventos citados se inicia por volta das 16 horas, horário em que muitos moradores ainda estão trabalhando.

A profusão de eventos voltados para pessoas de fora da favela é muito questionada pelos moradores do local. Tais eventos se valem da força que a “marca favela” (FREIRE-MEDEIROS, 2009) adquiriu no imaginário coletivo, se relacionando à ideia de “alternativo”, “descolado”, “verdadeiro”. A questão da favela cenográfica pode ser resumida na fala de Itamar Silva, coordenador do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) e do grupo Eco³⁹. Itamar, que nasceu na favela e continua morando no local, opina sobre os eventos que estão ocorrendo neste:

“(...) um bloco do Leblon chamado Espanta Neném aluga a quadra da escola de samba, uma vez por mês, para um evento chamado “Morro de Alegria”, patrocinado pela Ambev. Levam artistas de nome, como Martnália, Dicro... Vem gente de tudo

³⁸ R\$ 30,00 para o evento do dia 17/02/2012 e R\$60,00 para o evento ocorrido em outubro de 2011, quando de nossa entrevista com os organizadores do evento.

³⁹ “O Grupo Eco é uma entidade sem fins lucrativos de caráter educacional e cultural destinada a promover e apoiar na Favela Santa Marta e, eventualmente, fora dela, atividades e iniciativas que visem o desenvolvimento humano integral das pessoas e da comunidade, com atenção especial às crianças, adolescentes e jovens, em busca da afirmação da dignidade da pessoa humana; do pleno exercício da cidadania; do fortalecimento da solidariedade comunitária participativa; contribuindo assim para a construção de uma sociedade justa, livre e participativa.” (site do Grupo Eco).

que é lado. Só classe média! Não tem ninguém do Santa Marta. Mas o apelo é o Santa Marta. Aí eles dizem: “Não, a gente quer fazer trabalho social também”. Na verdade é um tipo de negócio, um uso da imagem da localidade para expandir a lógica do mercado. Isso é água de morro abaixo, você não segura. A minha preocupação é a favela cenográfica. A favela, pra mim, é gente, é cultura, é a história, são as tensões. De repente você vai ter um cenário, sem conteúdo. Você coloca qualquer coisa por cima.” (Revista do Brasil – janeiro de 2011)

Mas não são apenas empresários “do asfalto” que vêm se utilizando da nova imagem da favela para promover eventos nesses locais. Os moradores das favelas também perceberam o apelo que tais lugares têm junto ao público externo e vêm eles mesmos promovendo eventos para trazer pessoas de fora para a favela. Nessa categoria se enquadra não só o Lajão Cultural, como também o Pôr do Santa, festa que acontece no primeiro sábado de cada mês na laje Michael Jackson, na favela Santa Marta. Promovida pelo morador Gilson da Silva, trata-se de uma roda de samba, havendo venda de feijoada e cerveja pelo próprio Gilson no local. Não há cobrança de ingresso e o acesso é livre. O fato de o acesso ser gratuito facilita a participação dos moradores, mas a maior parte dos presentes é vinda de fora da favela.⁴⁰



Figura 29: Festa Pôr do Santa, na laje Michael Jackson. Novembro de 2011. *Patrícia Assreuy*

Esses não são os únicos moradores que vem utilizando alguma *tática* para tirar proveito da presença constante de pessoas de fora na favela. A própria S. passou a organizar o “Sábado do Baião de Dois” em seu trailer comercial, próximo à entrada do

⁴⁰ Como pudemos observar em duas ocasiões: 04/11/2011 e 04/02/2012.

Plano Inclinado. Nesses dias, S. vende um prato de Baião de Dois junto a um “latão” de cerveja por R\$ 10,00. Segundo a guia, as vendas giram em torno de 50 pratos por evento. Além disso, vários trailers e biroskas próximas à quadra da escola de samba funcionam nos horários em que há festas no local. Também pudemos notar a presença de diversos ambulantes vendendo bebidas próximo à entrada da quadra.

O apelo turístico das favelas não passa despercebido pelos moradores locais. No caso da favela Santa Marta, há atitudes como a de Thiago Firmino, 30 anos. Thiago, “nascido e criado” no local, montou um website⁴¹ no qual divulga sua atuação enquanto *representante cultural do Santa Marta*, atividade que inclui monitoria de turismo no local, promoção de festas e eventos e empresariado. Thiago fez o curso de Monitor de Turismo do projeto Rio Top Tour e gerencia suas visitas guiadas por conta própria. Além disso, é sócio do irmão, Alexandre Firmino, no Projeto **Lajão Cultural**, salão de festas próximo à segunda estação do Plano Inclinado. O local abriga não só eventos da própria comunidade, mas também é alugado por pessoas que não mantêm qualquer relação com a favela.



Figuras 30 e 31. Festas no Lajão cultural, ambas organizadas por pessoas de fora da favela. *Site Favela Santa Marta Tour*

É impossível não notar que, em meio a tantos adjetivos que vêm sendo associados contemporaneamente à favela carioca – exótica, vibrante, alegre, integrada, colorida⁴² – há também a utilização da palavra *chique*. Tal palavra, cujo significado é elegante, alinhado, arrumado, jamais seria utilizada em associação à imagem da favela em tempos passados. E é interessante observar a utilização em larga escala desse termo para definir os novos eventos que vêm acontecendo na favela Santa Marta, dando a entender que agora o local é elegante, após a instalação

⁴¹ <http://www.favelasantamartatour.blogspot.com/>

⁴² Definições retiradas dos diversos sites que tratam de turismo e festas em favelas do Rio de Janeiro citados anteriormente.

da UPP e a consequente abertura da favela para eventos que contam com a presença de quem reside fora dela. É a tendência do *poor chic*, descrita em Freire-Medeiros (2009):

“Essa tendência traz uma resignificação ‘estilosa’ e ‘divertida’ da pobreza ou dos símbolos tradicionalmente associados às classes populares. Trata-se de um consumo racional – controlado, eficiente, previsível – que, longe de apagar as distâncias sociais, as reforça.” (p. 34-35)

“Obrigado a você que sempre fez da nossa Favela, a mais chique de todas.” (Site da festa Favela Chique)

E, claro, o termo é também apropriado por quem mora na favela, como tática:

“Sendo assim inauguramos (...) uma linda roda de samba na comunidade Santa Marta, bem ali no ponto mais chiq, o Mirante, Espaço Michael Jackson (...)” (Site da festa Pôr do Santa)

Turismo em favela: uma visita guiada do Rio Top Tour

Uma de nossas visitas à favela Santa Marta foi por meio de um passeio turístico guiado por um dos integrantes do Rio Top Tour. Em 11 de outubro de 2011 telefonamos para pedir informações sobre as visitas guiada ao Dona Marta. Conversamos com S., que é moradora do Dona Marta e guia local registrada no programa Rio Top Tur, fruto da parceria entre o Ministério do Turismo e o Governo do estado do Rio de Janeiro. S. nos disse que o preço para “gringos” é tabelado: *“todo mundo que faz isso por aqui cobra o mesmo preço”*, custando R\$ 25,00 por pessoa. Em nosso caso haveria um desconto, por sermos acadêmicos. Assim, o preço final da visita guiada seria de R\$ 15,00 por pessoa.



Figura 32: Estande do Rio Top Tour, na entrada do Dona Marta. Outubro de 2011. *Patrícia Assreuy*

Durante a ligação, S. nos passa algumas informações sobre a visita: o tour duraria cerca de uma hora e meia e seria feito da seguinte forma: subiríamos pelo plano inclinado (“*bondê*”) e desceríamos a pé, passando pelos mais de 30 pontos turísticos do Dona Marta, como “*a laje do Michael Jackson*”. O tour terminaria na escola de samba do local. Marcamos então a visita para o dia 25 de outubro de 2011, às 15h.

A visita teve início no estande do Rio Top Tour, localizado na Praça Corumbá (Rua São Clemente, em frente à principal entrada da favela). Lá é possível obter panfletos explicativos e mapas da comunidade. O tour é coordenado por um dos guias do programa e tem um percurso padrão a ser seguido, mas que pode ser modificado a pedido do visitante. A visita padrão leva cerca de 2 horas e funciona da seguinte forma: os visitantes sobem até o ponto mais alto do morro por meio do Plano inclinado e depois descem a pé, visitando os pontos turísticos indicados no mapa do programa. Caso o visitante tenha algum interesse em especial, o guia pode levá-lo a algum lugar que não esteja no mapa.

Caro turista, em cada estação você descobre um pouco da cultura do morro.

Dear Tourist, in every station you find out a little about the community's culture.

CURIOSIDADES / CURIOSITY

Curiosidade: Há sempre uma confusão se o nome da comunidade é Santa Marta ou Dona Marta. A origem do nome vem da Igreja, já que as terras pertenciam a um padre e a Santa acabou lhe dando o nome. Geograficamente, o nome do morro é Dona Marta, mas os primeiros moradores o batizaram de Santa Marta, padroeira do local. Os evangélicos do local preferem chamá-lo de Dona Marta. A data da comemoração é todo dia 29 de julho e a história de Marta se confunde com a do turismo: ela era hospitaleira, como são os moradores do Santa Marta. Nada melhor para que o turista sinta-se bem recebido.

Curiosity: There is a common misunderstanding regarding the name of the community, whether it's called Santa Marta or Dona Marta. The name comes from Church, since the land used to belong to a priest, so it was named after the Saint. Geographically, the hill's name is Dona Marta, but the first inhabitants called it Santa Marta, patroness of the location. The evangelical inhabitants prefer to call it Dona Marta. The celebrating date is July 29, and Marta's history is very proper to tourism: she used to be hospitable, such as Santa Marta's inhabitants. There is nothing better to welcome the tourists.

O Santa Marta agradece a sua visita. Volte sempre!

Santa Marta thanks your visit. We look forward to see you soon.

MANUTENHA A CIDADE LIMPA

MAO JOGUE ESTE FOLHETO NO CHÃO, COLABORE COM A LIMPEZA DA CIDADE.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



MAPA TURÍSTICO SANTA MARTA

TOURIST MAP OF SANTA MARTA

A comunidade de Santa Marta tem cerca de 70 anos de existência e está situada entre os bairros de Laranjeiras e Botafogo, no morro Dona Marta, bem abaixo do Cristo Redentor. O programa de turismo Rio Top Tour é um projeto que capacita os moradores como monitores locais de turismo e empreendedores nesta atividade. Os monitores locais cobram uma pequena taxa para mostrar a comunidade. O horário do bondinho vai de 6h às 24h, ele é gratuito e não apenas de uso turístico, servindo de forma de deslocamento interno dos moradores. A outra opção para se chegar ao morro é pelo bairro de Laranjeiras, perto da estação do Corcovado. Entrar pela Rua das Laranjeiras e subir pela Rua General Glicério e depois Rua Belisário Távora até a Rua Marechal Espiridião Rocha, chegando no alto do morro.

Santa Marta community is around 70 years old and is located between Laranjeiras and Botafogo neighborhoods, in Dona Marta hill, right under the Christ Statue. The tourism program Rio Top Tour instructed inhabitants to be local monitors of tourism and entrepreneurs in this activity. The local monitors charge a small amount to show you around. The cable car working time is from 6 am to midnight, it is free and used not only for tourism, but also as internal transportation for people who live in the community. Another way to get to the hill is through Laranjeiras neighborhood, close to Corcovado station. Take Laranjeiras street, turn into General Glicério street and then to Belisário Távora street, go up to Marechal Espiridião Rocha street, getting to the top of the hill.




GOVERNO DO RIO DE JANEIRO

SECRETARIA DE PRODUÇÃO E LUTA

Ministério do Turismo



BRASIL PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA



SANTA MARTA:
PONTOS DE INTERESSE TURÍSTICO E CURIOSIDADES
Tourist options and curiosities of Santa Marta
SÓ É PERMITIDO FOTOGRAFAR LUGAIS PÚBLICOS / Only photography of public places is allowed

PARTE BAIXA (Estação 1)	BORDER SECTION (Station 1)
01 PRAÇA CORUMBA (Stand de Informações do Projeto)	01 CORUMBA SQUARE (Stand of Tourist Information)
02 CETEP - Cursos Técnicos do Governo do Estado	02 CETEP - Technical Courses of the State Government
03 ESTAÇÃO 1	03 STATION 1
04 QUADRA DA ESCOLA DE SAMBA MOCIDADE UNIDA DO SANTA MARTA	04 MOCIDADE UNIDA DO SANTA MARTA SAMBA SCHOOL
05 CASAS PINTADAS	05 PAINTED HOUSES
06 PRAÇA "CANTÃO", local onde se realizam atividades culturais e festas	06 "CANTÃO" SQUARE, where cultural activities and parties take place
07 "PÉDIA ESCADA" 788 Degraus, ponto de encontro das atividades culturais (fônd, percussão, samba, capoeira) / POSTO POLICIAL UPP	07 "STAIRCASE", spot of cultural activities (fônd, percussion, samba, capoeira) / UPP POLICE OFFICE
08 IGREJA EVANGÉLICA	08 EVANGELICAL CHURCH
09 ASSOCIAÇÃO DE MORADORES / ASSOCIAÇÃO DE COMERCIANTES	09 COMMUNITY ASSOCIATION / COMMERCIAL ASSOCIATION
PARTE INTERMEDIÁRIA (Estações 2 / 3)	MIDDLE SECTION (Stations 2 / 3)
10 ESTAÇÃO 2	10 STATION 2
11 MURO	11 WALL
12 IGREJA EVANGÉLICA	12 EVANGELICAL CHURCH
13 PRIMEIRA MINA (fonte d'água) / COMÉRCIO	13 FIRST MINE WATER (water fountain) / MARKET
14 BIBLIOTECA	14 LIBRARY
15 ESTAÇÃO 3 (Básico)	15 STATION 3 (transfer)
16 "COSTURANDO IDEIAS", Cooperativa de Costureiras	16 "SEWING IDEALS", Dressmaker Cooperative
17 "PEDRA DE COSMOS E DAMIAN" /	17 "ROCK OF COSMOS & DAMIAN" /
18 SEGUNDA MINA (fonte d'água)	18 SECOND MINE WATER (water fountain)
19 "PEDRA DE XANGÔ" / "PEDRA DA SANTA"	19 "XANGÔ'S ROCK" / "SAINT'S ROCK"
20 APARTAMENTOS COLORIDOS (chamados de "lambalinya" pelos moradores)	20 COLORFUL APARTMENTS (called "lambalinya" by locals)
PARTE ALTA (Estações 4 / 5)	TOP SECTION (Stations 4 / 5)
21 ESTAÇÃO 4	21 STATION 4
22 POSTO POLICIAL UPP	22 UPP POLICE OFFICE
23 ESPAÇO MICHAEL JACKSON	23 MICHAEL JACKSON AREA
24 CASA DE CULTURA DEDÉ	24 DEDÉ CULTURAL CENTER
25 ARENA, quadra onde se realizam atividades culturais, festas e bonita vista	25 ARENA, court where the cultural activities and parties take place; nice landscape
26 IGREJA EVANGÉLICA	26 EVANGELICAL CHURCH
27 COMÉRCIO	27 MARKET
28 ESTAÇÃO 5	28 STATION 5
29 CAPELA SANTA MARTA	29 SANTA MARTA CHAPEL
30 TRILHA PARA O MIRANTE DONA MARTA / VISTA CRISTO REDENTOR	30 TRAIL TO DONA MARTA OBSERVATION DECK / VIEW TO THE CHRIST STATUE
31 CAMPO DE FUTEBOL	31 SOCCER FIELD
32 SEDE DA UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) / PROJETOS SOCIAIS / PROGRAMA RIO 2016	32 UPP (Peacekeeping Police Unit) HEADQUARTERS / SOCIAL PROJECTS / RIO 2016 PROGRAM
33 SAÍDA DA COMUNIDADE / BAIRRO DE LARANJEIRAS	33 COMMUNITY EXIT / LARANJEIRAS NEIGHBORHOOD
34 "PEDRAO", mirante natural com vista para a Enseada de Botafogo Bay	34 "BIG STONE", a natural observation deck (faced to Botafogo Bay)

ESTE FOLHETO FOI ELABORADO COM SUGESTÕES DOS MORADORES DO SANTA MARTA

DISQUE TURISMO 0800-2822007
 Seg-Sex das 8h às 20h / Non-Fri from 8am to 8pm

Figuras 33 e 34. Panfleto explicativo do Rio Top Tour Santa Marta, onde estão marcados mais de 30 pontos turísticos.

S., que também nos acompanhou durante a visita, é moradora do Santa Marta há mais de trinta anos. Vinda do estado do Ceará em 1978, chegou a pensar em se mudar para a favela Tavares Bastos por conta da presença do BOPE naquele local. Mas isso foi antes das “melhorias” feitas no Dona Marta. S. começou a trabalhar como guia de turismo na favela por meio do programa Rio Top Tour, que está no local desde setembro de 2010 e que também existe no morro do Cantagalo. Ela faz curso de línguas, está terminando o curso de turismo e estagia como guia na comunidade.

Segundo a guia, o projeto surgiu como forma de incentivar um turismo mais consciente. Ela coloca que “sempre existiu a visita na comunidade por empresas de fora, como a Jeptours”. Só que essas visitas eram alvo de muitas reclamações, pois os visitantes não eram informados sobre a melhor forma de agir e acabavam invadindo a privacidade dos moradores, os quais eram sempre vistos como “exóticos”. S. ainda

nos disse que o projeto conta com o apoio do SEBRAE na realização de oficinas e que oferece um curso técnico de turismo, do qual oito moradores da comunidade são alunos. A coordenadora e idealizadora do projeto é a antropóloga Monica Rodrigues⁴³.

O que S. trata como “melhorias” são na verdade os projetos e equipamentos implantados por meio de programas como o PAC ou o Favela-bairro. Segundo ela, após a chegada das melhorias e do projeto de turismo surgiram lojinhas de lembranças e souvenirs tematizados na favela e no Rio de Janeiro, como é o caso da “Mariana Modas”. Nessa loja é possível adquirir desde porta retratos com imagens do Rio de Janeiro até artigos específicos do Santa Marta, como um DVD sobre a visita de Michael Jackson à comunidade, ou ainda objetos relacionados à cantora Madonna (que também visitou o local).

S. acredita que, outro fator decorrente da presença do Rio Top Tour é o aumento do número de eventos na favela que são voltados para o público externo, como é o caso do Pôr do Santa. Essa festa acontece mensalmente, na Laje Michael Jackson e conta com roda de samba e venda de feijoada e cerveja. O Pôr do Santa é organizado pelo morador G. e já teve edições que ultrapassaram os 300 presentes, em sua maioria pessoas de fora da comunidade e estrangeiros. A exemplo de G., vários moradores do local estão se organizando para tirar proveito do interesse turístico pelo Santa Marta. A própria S. passou a organizar o “Sábado do baião de dois” em seu trailer comercial, próximo à entrada do Plano Inclinado.

Durante a visita guiada, várias informações sobre o Santa Marta são dadas aos visitantes. Segundo S., a favela começou a se formar de cima para baixo, após a construção da primeira Igreja do local por volta de 1930, no alto do morro. Lá era guardada a imagem de Santa Marta, que deu nome a favela. Com o número crescente de evangélicos na comunidade, esta passou a ser chamada, também, de Dona Marta. Também no alto do morro está localizado um dos batalhões da UPP, em uma construção que seria destinada originalmente a uma creche.

S. explica que existe um “projeto do governo” de remover as casas que estão em uma cota acima do lugar onde está localizada a igreja, por estarem em “local de risco”. Os moradores, porém, acreditam que o real motivo das remoções esteja ligado à vista privilegiada que se tem do local, que seria palco de megaempreendimentos, como restaurantes e hotéis.

⁴³ Monica Rodrigues mantém um site na internet onde conta sobre a experiência com o Rio Top Tour: <http://www.riotoptour.com/>

A guia relata que, em 2006, o Governo do Estado do Rio de Janeiro chegou à comunidade trazendo “melhorias”. Com elas vieram as casas coloridas, construídas para abrigar as famílias que tiveram suas casas desapropriadas para a construção do Plano Inclinado, inaugurado em maio de 2008, mesmo ano da inauguração da UPP, em 19 de novembro. Segundo a guia, a adaptação dos moradores ao novo policiamento foi lenta, pois, segundo eles, os policiais eram “marrentos” e violentos no início da ocupação.

Pudemos também visitar a Casa de Cultura Dedé, que existe há quatro anos, localizada sob a laje Michael Jackson. A Casa de Cultura Dedé se transformou em Ponto de Cultura⁴⁴ em 2011 e conta com biblioteca e sala de instrumentos musicais, onde funciona a Escola de Música Atitude. O centro organiza também um cineclube todas as terças-feiras, onde há a exibição de películas sugeridas pelos moradores. A exibição acontece na laje Michael Jackson e conta com o apoio do bar vizinho, que empresta cadeiras para acomodar os presentes.



Figuras 36 e 37: Cartazes do Cine clube atitude, promovido pelo Ponto de Cultura Casa de Cultura Dedé. Outubro de 2011. *Claudia Seldin*

S. cita também outras iniciativas públicas e privadas que vêm ganhando espaço na comunidade. Recentemente chegou à favela o projeto Zico 10, que utiliza a quadra de futebol society localizada no alto do morro. A Companhia Estadual de Águas e Esgotos (CEDAE) está presente na comunidade há poucos meses e cobra uma taxa

⁴⁴ Pontos de cultura fazem parte do programa Cultura Viva, criado pelo Ministério da Cultura durante o exercício do ministro Gilberto Gil. São “entidades reconhecidas e apoiadas financeira e institucionalmente pelo Ministro da Cultura que desenvolvem ações de impacto sociocultural em suas comunidades.” (site do Ministério da Cultura)

de 18 reais por domicílio, pelos serviços prestados. A guia relatou que no final de semana anterior à visita houve falta d'água e se especula que a distribuição tenha sido interrompida porque muitos moradores ainda não começaram a pagar a taxa. Há ainda um local que oferece “Seguro Funeral” na comunidade, com o apoio do Banco Bradesco.

Cores na favela: A comunidade colorida

Dentre os investimentos públicos e privados que vêm sendo feitos nas favelas cariocas, não podemos deixar de citar os gastos com “urbanizações”⁴⁵. Como dito no início deste capítulo, investimentos em infraestrutura e serviços nesses locais fazem parte de diversos programas dos governos federal e local, trazendo uma imagem mais positiva no bojo das mudanças provocadas por tais intervenções. Pode-se dizer que a ideia de comunidade⁴⁶ colorida não deixa de fazer parte disso.

A pintura das casas das favelas em cores vibrantes é uma dessas intervenções. Tal solução vem sendo utilizada para demarcar os locais onde houve algum projeto de urbanização ou relocação de moradores. Dentre vários exemplos, gostaríamos de citar três: as casas localizadas próximo à 3ª estação do Plano Inclinado no Santa Marta (inauguradas em 2008), os edifícios localizados no Bairro Barcelos, na Rocinha (inaugurados em 2010) e os edifícios da Rua 4, também na Rocinha (também inaugurados em 2010). No primeiro caso, as casas foram construídas para realocar moradores que residiam na área por onde passariam os trilhos do Plano Inclinado. Acabaram se tornando pontos turísticos e são facilmente visíveis de diversos pontos do bairro de Botafogo. No segundo caso, grande parte das casas e edifícios do Bairro Barcelos, parte mais baixa da Rocinha, tiveram suas paredes pintadas em cores vibrantes por ocasião da inauguração da passarela de pedestres (projetada por Oscar Niemeyer) que liga a favela ao complexo esportivo do

⁴⁵ Em linhas gerais, o conceito se refere aos processos necessários para dotar uma área de infraestrutura (água, esgoto, gás, eletricidade, coleta de lixo) e/ou serviços urbanos (transporte, educação, saúde). (Dicionário Aurélio – Século XXI)

⁴⁶ Há algum tempo, o termo comunidade vem sendo utilizado em substituição à palavra favela, por ser considerado menos pejorativo. Tal palavra remonta a “um espaço conhecido e vivenciado, marcado pelos laços familiares e de amizades, que traz um sentimento agradável (...)” (CARDOSO, 2006). Pode-se dizer que, com isso, pretende-se desmistificar a favela enquanto lugar da desordem e da violência, trazendo uma imagem de coletividade e segurança. Muitos moradores de favela se opõem ao uso do termo “comunidade”, pois consideram que seu uso seria uma tentativa de descaracterizar a favela e amenizar a situação de pobreza pela qual seus moradores passam. (Agência de notícias das favelas – ANF)

outro lado da via (autoestrada Lagoa-Barra). Tal intervenção fez parte das obras do PAC.

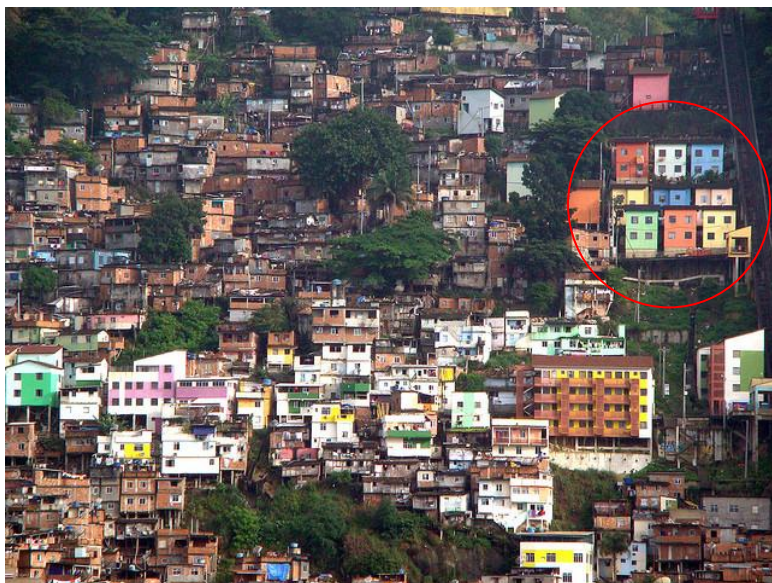


Figura 17: Vista da favela Santa Marta a partir da Rua São Clemente, em Botafogo. À direita é possível perceber o grupo de nove sobrados coloridos, construído para realocar a população cujas casas foram demolidas. Novembro de 2010. *André Sampaio (site WikiRio)*



Figura 18: Aqui percebemos com nitidez as duas intervenções do PAC na Rocinha: O chamado Bairro Barcelos (embaixo) e a Rua 4, na parte superior da imagem. *Bestpicturesof*

O terceiro caso, da Rua 4 na Rocinha, talvez seja o mais emblemático. A rua foi inteiramente reconstruída, sendo que, para isso, uma série de casas foi demolida e dezenas de moradores removidos. A intervenção, que também faz parte do PAC, vem

sendo colocada como um marco, em se tratando de urbanização de áreas de favela⁴⁷. A Rua 4 vem se tornando uma espécie de exemplo a ser seguido, no intuito de tornar as favelas espaços dignos e habitáveis. Durante o processo, as famílias deslocadas puderam escolher entre receber o aluguel social⁴⁸ ou serem indenizadas pela desapropriação. As que preferiram esperar receberam um dos 144 novos apartamentos.

Não é nosso objetivo discutir o teor de tais intervenções urbanísticas, ou mesmo suas consequências, mas apenas apontar o fato de que a pintura das edificações em favelas vem servindo para demarcar os locais em que houve algum tipo de ação urbanizadora trazida pelo governo. Isso pode ser comprovado, inclusive, por meio de declarações feitas pelo presidente da Empresa de Obras Públicas do estado (EMOP) Ícaro Moreno Júnior e do Vice-governador do estado Luiz Fernando Pezão: o primeiro propôs que o projeto se estenda a outras comunidades beneficiadas pelo PAC e o segundo pretende levar o programa a todas as favelas com UPP⁴⁹.



Figuras 19 e 20: Edifícios na Rua 4. RJTV

Um fator importante em se tratando da pintura das favelas é a questão das parcerias que vêm sendo realizadas entre entidades governamentais e empresas privadas. A empresa Akzonobel, multinacional responsável pela fabricação das tintas Coral, é uma das parceiras do governo do estado e da Prefeitura do Rio de Janeiro, fornecendo material e treinamento profissional. Há um interesse comum em colorir as

⁴⁷ Segundo urbanistas e veículos de comunicação. Ver as matérias “Abertura de rua na Rocinha significa mudança de rumo, diz urbanista” e “Rocinha 4: uma abordagem mista de habitação pública”

⁴⁸ Recurso emergencial para atender famílias desabrigadas. Faz parte das políticas assistenciais de muitas prefeituras no Brasil.

⁴⁹ *Cores vivas na favela*: O Globo, 24 de fevereiro de 2010.

favelas tendo em vista a proximidade dos Jogos Olímpicos de 2016 e a Copa do Mundo da FIFA de 2014. Marcelo Abreu, gerente de marketing da Akzonobel declarou que “nosso interesse é aproveitar a oportunidade para que, quando os eventos forem realizados, a cidade seja uma das mais coloridas do mundo.”⁵⁰

É importante notar que as intervenções não são necessariamente discutidas com os moradores de tais edificações, que não definem as cores que serão utilizadas para pintar as fachadas de suas casas. É o caso do Complexo do Alemão, conjunto de favelas localizado na Zona Norte da cidade e que teve as casas localizadas no entorno das estações do teleférico recém-inaugurado⁵¹ pintadas em cores fortes, como pudemos observar na Revista O Globo:

“Apesar de ter pedido um ‘vermelho-clarinho’ na sua (casa), Rosinete acordou e viu o imóvel verde-amarelo. Torceu o nariz, mas achou melhor não reclamar: o da vizinha estava rosa-choque.” (Revista O Globo, fevereiro de 2012)

Ainda que não remonte necessariamente ao turismo, a pintura colorida das casas em favelas dá grande suporte a ele. Em todos os casos citados acima, percebe-se que os conjuntos coloridos são bastante procurados por turistas e, além disso, passam a identificar a favela enquanto imagem. Além das intervenções trazidas pelo governo, muitos moradores de favelas vêm dando continuidade à proposta, pintando eles mesmos suas casas em cores vibrantes.

Não conseguimos apurar uma cronologia da presença de paredes coloridas em favelas, mas a alusão é indiscutível. A favela, representada enquanto agrupamentos de pequenos blocos coloridos, aparece em diversas referências: artesanato produzido tanto por moradores como por pessoas de fora, logotipos de projetos do governo, sites de empresas de turismo e mesmo fachadas de casas nas favelas. Tal fato deixa entrever que há uma absorção generalizada da figura da “favela colorida” no imaginário coletivo.

⁵⁰ Opt cit.

⁵¹ A construção do teleférico fez parte das obras do PAC, sendo inaugurado em julho de 2011. O Complexo do Alemão foi ocupado pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ) em novembro de 2010.



Figura 21: Tela “Favela com o Cristo Redentor” da artista Vanessa Lima. Maio de 2008. *Site arteblog*



Figura 22: Logotipo do programa Rio Top Tour.



Figura 23: Letreiro de loja na favela Santa Marta. Outubro de 2011. *Patrícia Assreuy*



Figura 24: Pintura em fachada na favela Santa Marta. Outubro de 2011. *Patrícia Assreuy*



Figura 24: Muro da UPP Santa Marta. Outubro de 2011. *Patrícia Assreuy*



Figura 25: Portas do Plano Inclinado Santa Marta. Novembro de 2011. *Patrícia Assreuy*

Tal imagem é consolidada inclusive fora do país. Em 2010 uma dupla de artistas plásticos holandeses desenvolveu um projeto da Praça do Cantão, localizada em uma das entradas da favela Santa Marta. Os edifícios da praça foram inteiramente pintados em cores vibrantes com o auxílio de mão de obra da própria comunidade. A obra faz parte de um projeto intitulado “O Morro”, cujo objetivo seria “pintar todas as

casas de uma favela de encosta, localizada no centro do Rio”⁵². O local passou a ser considerado ponto turístico e, para muitos (moradores ou não), é a imagem que define a favela Santa Marta.



Figura 26: Vista panorâmica da Praça do Cantão. 2010. Site do projeto *Favela Painting*

Estratégias e táticas de movimentação na comunidade colorida

Nesse capítulo procuramos apresentar todos os atores que consideramos fazerem parte da representação da favela colorida, bem como a forma como se relacionam entre si. Utilizamos a favela Santa Marta como objeto de análise principal, ainda que não tenha sido o único.

A noção de comunidade colorida que defendemos se apóia nos três atores estudados nesse capítulo: investidores privados, governo e moradores de favelas. Cada um deles replica a seu modo os adjetivos que definem essa representação de favela: exótica, colorida, alegre, integrada, receptiva, artística, positiva, musical, e tantos outros. Não consideramos o turista como um ator específico por acreditarmos que, assim como os moradores do “asfalto”, eles mais absorvem e replicam a representação da favela colorida do que a propõem. Além disso, não teriam um papel definido no esquema de estratégias x táticas que propomos aqui.

A divisão entre os conceitos de estratégia e tática tratada no capítulo I fica bastante evidente quando falamos sobre os atores que se movimentam no campo da comunidade colorida. Ao mesmo tempo em que existem investimentos de empresas privadas, promotores de eventos e entidades governamentais que dependem dessa imagem para se legitimar, o morador não fica atrás; ele próprio participa da

⁵² Trecho retirado do site do projeto: <http://www.favelapainting.com/omorro> (em inglês)

representação, reproduzindo a seu modo informações que recebe para tirar proveito da situação.

Nesse contexto, fica fácil ligar a noção de tática aos moradores de favelas e a de estratégia ao governo e empresas em geral. O interesse turístico na favela, suportado pelas agências, empresas e governo configura uma estratégia, enquanto que ser guia turístico, criar eventos efêmeros e vender comidas e bebidas ou objetos de artesanato são táticas, utilizadas pelos moradores para se movimentar no campo (turismo) criado pela estratégia. Uma vez que “a tática não tem por lugar senão o do outro”, (Certeau, 1994, p.100), fica claro que o morador se aproveita do interesse pela comunidade colorida para montar suas táticas. E é aqui que entra a importância da astúcia, pois é ela quem determina quais táticas serão efetivas.

Uma vez que a tática não possui lugar próprio e depende do campo definido pela estratégia, quem se vale delas não tem opção outra que não encontrar uma maneira de se movimentar dentro do campo existente. Há mobilidade, mas esta é restrita, não indo além do que é definido pelo estrategista. Ou seja, a partir do momento em que o campo da favela turística e cultural está dado, os moradores se lançam em atividades que sejam compatíveis com essa definição, uma vez que eles não têm como definir outro campo.

Pudemos notar que os moradores de favelas vêm conseguindo tirar proveito da imagem da comunidade colorida. Seja atuando como guias turísticos, artistas ou “agitadores culturais”, os moradores vêm fazendo uso de diversas “táticas” para garantir seu sustento a partir do interesse crescente pelas favelas. Isso pode acontecer de forma associada aos grandes estrategistas, como é o caso dos guias do Rio Top Tour, mas também em particular, como é o caso da festa Pôr do Santa. É interessante notar que há ocasiões em que um mesmo morador faz parte dos dois grupos, trabalhando em conjunto com o governo ou com as agências de turismo e atuando de forma independente, promovendo festas ou comércios informais. Mas devemos frisar que, mesmo quando existe essa associação entre morador e governo ou morador e empresas, o papel dele sempre parece ser o de absorver o que lhe é proposto e agir de acordo com isso.

Devemos ressaltar que o apoio do governo e das empresas privadas é muitas vezes direcionado a atividades que tenham por propósito a consolidação da representação da comunidade colorida. Empresas turísticas formam guias mirins e auxiliam financeiramente organizações de artesanato, que poderá ser vendido para

turistas. Programas governamentais oferecem cursos de línguas e formam guias turísticos. Tudo isso leva a crer que há um interesse em promover o desenvolvimento socioeconômico dos moradores de favela, mas apenas se este desenvolvimento estiver dentro do que era previsto e desejado para essas pessoas. Nesse contexto, cabe questionarmos se não estaria havendo um “aniquilamento do destino individual dessas pessoas” (Porto, 2007), no sentido de que elas estariam recebendo ferramentas apenas para lidar com as situações predeterminadas pelo campo de interesses de quem detém o papel da estratégia.

CONCLUSÃO

“O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens.” (Debord, 1992)

Ao longo deste trabalho, procuramos estudar não a favela carioca em si, mas a forma como esta é entendida por quem a vê de fora e por seus moradores. Para tanto, consideramos relatos, reportagens, obras de ficção, filmes e entrevistas, no intuito de reconstruir as imagens que este espaço tão controverso já assumiu e continua assumindo até hoje. Chamamos tais imagens de representações, que caracterizamos por meio do conceito postulado por Roger Chartier. Em seguida, propusemos a ascensão de uma nova representação da favela, contemporânea ao nosso tempo, a qual nomeamos “comunidade colorida”. Procuramos delimitar os atores envolvidos na produção e propagação dessa representação, compreendendo as relações entre eles. Para tanto, consideramos atores todos os indivíduos e grupos cujas ações se espacializam na realidade da favela, alterando-a. Estudamos tais relações à luz dos conceitos de estratégias e táticas proposto por Michel de Certeau.

Há cerca de 100 anos, as representações de favelas vêm servindo a diversos propósitos. Imagens da favela enquanto foco de doenças, antro da violência, berço da cultura popular, lugar precário, sertão exótico, pobreza irreversível (ou reversível) e tantas outras definições, vêm se alternando ou se justapondo, de acordo com os interesses dominantes em cada época. As representações de favela já consolidadas se baseiam em uma relação de oposição em relação à cidade formal, assim como as representações do favelado se baseiam em um caráter de diferença em relação ao morador do “asfalto”. Em todos os casos estudados, vimos que a noção de dissemelhança permeia a imagem que se tem desses locais.

Com a representação da “comunidade colorida” não é diferente. Todas as características que a definem são compostas a partir de uma noção de diferenciação em relação à cidade formal. Aqui, não se coloca mais a questão da favela enquanto lugar indesejado, mas se marcam as especificidades que a definem enquanto particular, única. E assim, cultura, alegria, festividade, arte, dignidade e desenvolvimento são ideias que se fundem para formar essa representação da favela enquanto lugar urbanizado e passível de fazer parte efetiva da cidade. Passível porque tudo indica que esse “fazer parte” só pode acontecer após urbanizações, revitalizações, instalação de UPP e consequente aumento de investimentos

econômicos e interesses por esses lugares. A favela só é aceita, e mesmo bem vinda, se for colorida.

É interessante notar que a representação da comunidade colorida é, em grande parte, baseada no cotidiano das favelas, que vem sendo valorizado e evidenciado por meio de diversas linguagens: música, pintura, literatura, fotografia, entre outras. Tal valorização consta como uma tentativa de dar um novo significado a essas áreas, sendo importantes, inclusive, para a criação e distribuição de novos produtos de consumo, direcionados em sua maior parte à sociedade além-favela. Figuram como mecanismos que levam à aceitação da realidade da favela enquanto algo positivo, enquanto um “bem cultural”.

Há uma grande dificuldade em se compreender as representações contemporâneas ao nosso tempo, uma vez que não há muitos estudos ou referências em que poderíamos nos embasar. Estudá-las é como tentar abraçar com as mãos algo muito além de nossa capacidade de observação e compreensão, por mais que procuremos indícios sobre a forma como tudo acontece. Durante nossa busca pela representação da “comunidade colorida”, foi necessário que nos apoiássemos amplamente em notícias de jornais e revistas, blogs na internet, redes sociais e conversas informais, pois era o melhor (e, muitas vezes, o único) caminho para desvendarmos o modo como tal representação é criada e absorvida por todos os atores. Até o último minuto que antecedeu o fechamento deste texto nos debruçamos sobre tais fontes.

Observamos que as ações e relações entre atores podem ser compreendidas enquanto estratégias e táticas, dependendo do caráter de dominância que exerçam sobre o campo-favela. Tais relações são bastante autoritárias, ainda que de forma velada; há o falso entendimento de que os moradores de favelas, entendidos aqui enquanto táticos, têm plenos poderes sobre seu destino, uma vez que entidades governamentais, empresários e ONGs vêm disponibilizando cada vez mais ferramentas para que essas pessoas possam “se inserir no mercado de trabalho” e “caminhar com as próprias pernas”. Mas seria isso verdade? Além do mercado turístico e de eventos, que caminhos estariam de fato se abrindo para estas populações? Por meio desse raciocínio, uma série de questionamentos pode se abrir: até que ponto tais investimentos e consequente desenvolvimento econômico representam também condicionantes para o desenvolvimento sociocultural das populações residentes em favelas? Até que ponto a exploração de uma imagem e de

uma cultura tidas como “de favela” não leva a uma romantização desse espaço e a uma manipulação dessa cultura?

É nesse contexto que entendemos a representação da comunidade colorida. A representação da favela enquanto lugar mais do convívio e da sociabilidade do que do medo e do individualismo. O lugar da festa, do riso e da música. O lugar onde as cores representam a nova realidade trazida pelos programas urbanizadores do governo em suas diversas esferas. A favela deixou de ser sujeira e violência; se tornou comunidade. Deixou de ser tijolo, reboco e compensado; se tornou colorida. Pobre não deixou de ser, mas agora há a “dignidade”, trazida pelas ONGs, pelos empresários que potencializam “oportunidades”, pelos turistas, que “investem” na transformação dessa realidade. A nova imagem da favela é, acima de tudo, positiva. Mas, ainda assim, é favela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Mauricio de Almeida. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Instituto Pereira Passos, 2006.
- ABU-MERHY, Nair Fortes. *A economia doméstica e a Reforma Capanema*. Revista Cultura Política. Rio de Janeiro, v. 03, n. 23, p. 71-75, jan. 1943.
- ASSREUY, Patrícia Martins. *O lixo como heterotopia da cidade contemporânea*. Simpósio Latino-Americano: Cidade e Cultura. Dimensões Contemporâneas – SILACC 2007. Anais... São Carlos – SP, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 2009.
- BACKHEUSER, Everardo. *Onde moram os pobres. As “vilas” da Companhia Saneamento*. *Renascença*, Rio de Janeiro, n. 15, maio de 1905.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. Rio de Janeiro, SMCTT, 1990.
- BURGOS, Marcelo Baumann. *Dos Parques Proletários ao Favela-Bairro*. In ZALUAR; Alba. ALVITO, Marcos (Org.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro, Editora FGC, 2004
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Enclaves fortificados: A nova segregação urbana*. São Paulo. CEBRAP, 1997.
- CARDOSO, Cristiane. *Do espaço concebido ao espaço vivido: Um estudo de caso sobre as representações espaciais e identidades na Favela da Maré, RJ*. Tese de Doutorado em Geografia, Universidade Federal Fluminense – UFF. 2006.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, Editora Vozes 1994.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CIDADE de Deus. *Dirigido por Fernando Meirelles*. Rio de Janeiro. Videofilmes/O2 filmes. Lumière/Miramax filmes. 2002. 135 min. Son., Color. Português.
- CONDE, Luiz Paulo; MAGALHÃES, Sérgio. *Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, ViverCidades, 2004.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. 1992. Versão para ebook: ebooksbrasil.com
- FEITAL, Neusa. *Educação Nacionalista no Distrito Federal*. Revista Cultura Política. Rio de Janeiro, v. 01, n. 03, p. 141-147, mai. 1941.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca. *Gringo na Laje: produção, circulação e consumo da favela turística*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2009.
- IBGE. *Censo demográfico 2010 – Aglomerados subnormais (primeiros resultados)*. Rio de Janeiro, 2010.

JACQUES, Paola Berenstein. *Les favelas de Rio – Un enjeu culturel*. Nouvelles Etudes Anthropologiques. L'Harmattan, 2001.

PECHMAN, Robert Moses. O urbano fora do lugar? Transferências e traduções das idéias urbanísticas nos anos 20. In RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; PECHMAN, Robert Moses (Org.). *Cidade, Povo e Nação. Gênese do urbanismo moderno*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1996.

PERLMAN, Janice E. O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

PORTO, Marta. *Políticas Públicas para cultura*. In 2ª JORNADA CULTURAL NA BAIXADA FLUMINENSE. Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. Novembro de 2007.

ROCHA, Adair. *Cidade cerzida: a costura da cidadania no Morro Santa Marta*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. CARDOSO, Adauto Lucio. *Da cidade à nação: gênese e evolução do urbanismo no Brasil*. In RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; PECHMAN, Robert Moses (Org.). *Cidade, Povo e Nação. Gênese do urbanismo moderno*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1996.

RIO, João do. *Os livres acampamentos da miséria*. In MARTINS, Luís. *João do Rio (Uma Antologia)*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1971.

SOUZA, Fátima. Como funciona o tráfico de drogas. Texto eletrônico. Disponível em: <<http://pessoas.hsw.uol.com.br/trafico-de-drogas3.htm>>.

SOUZA, Jessé. *As metamorfoses do malandro*. In CAVALCANTE, Berenice et al. *Decantando a república, v.3: inventário histórico e político da canção popular moderna brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

VALLADARES, Lícia do Prado. *A invenção da Favela*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2005

VAZ, Lilian Fessler. *Notas sobre o Cabeça de Porco*. Revista Rio de Janeiro n. 2, Niterói, 1986.

VAZ, Lilian Fessler; ABREU, Maurício. *Sobre as origens das favelas*. Anais do IV encontro ANPUR. UFBA, Salvador, 1993.

VAZ, Lilian Fessler. *Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos — a modernização da moradia no Rio de Janeiro*. *Análise Social*, vol. XXIX (127), 1994.

VAZ, Lilian Fessler; Jacques, Paola Berenstein. *Pequeno histórico das favelas no Rio de Janeiro*. Revista Ciudad y territorio, 2002.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos. *Introdução*. In ZALUAR, Alba. ALVITO, Marcos (Org.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro, Editora FGC, 2004

Referências eletrônicas:

Armazém de dados da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro:
<http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br>

Blog da pacificação: <http://www.blogdapacificacao.com.br/categoria/santa-marta/>

Empresa de obras públicas do estado do Rio de Janeiro (EMOP):
<http://www.emop.rj.gov.br>

Empresa de turismo Be a local: <http://bealocal.com/>

Empresa de turismo Exotic tours: <http://www.exotictours.com.br/>

Empresa de turismo Favela Tour: <http://www.favelatour.com.br/>

Empresa de turismo Indiana Jungle Tours: <http://www.indianajungle.com.br/>

Empresa de turismo Jeep tour: <http://www.jeeptour.com.br/>

Favela Painting: <http://www.favelapainting.com/omorro>

Favela tem memória: <http://www.favelatemmemoria.com.br>

Favela Santa Marta Tour: <http://www.favelasantamartatour.blogspot.com/>

Pôr do Santa: <http://www.facebook.com/pordosanta?sk=info>

Portal oficial da Rocinha: <http://www.rocinha.org/>

Rio Top Tour: <http://www.riotoptour.com/>

Sambinha do Santa Marta: <http://sambasantamarta.com.br/site/santamarta/>

Spanta Neném: <http://spantanenemoficial.blogspot.com/>

Periódicos e endereços eletrônicos:

ALMEIDA, Hélio. *Abertura de rua na Rocinha significa mudança de rumo, diz urbanista*. Portal SRZD. Dezembro de 2010. Disponível em <http://www.sidneyrezende.com/noticia/114257+abertura+de+rua+na+rocinha+significa+mudanca+de+rumo+diz+urbanista>. Acesso em fevereiro de 2012.

ASCOM. *Olhando para cima: Projeto do MTur coloca comunidade de morro carioca como protagonista do desenvolvimento do turismo local*. Ministério do Turismo. Agosto de 2010. Disponível em http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20100830-2.html Acesso em abril de 2011.

BASTOS, Isabela; MAGALHÃES, Luiz Ernesto. *Parceria com fabricante de tintas permitirá pintar barracos em favelas do Rio*. O Globo Online. Fevereiro de 2010. Disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/parceria-com-fabricante-de-tintas-permitira-pintar-barracos-em-favelas-do-rio-3050101>. Acesso em fevereiro de 2012.

BRISO, Caio Barreto. *Banho de tinta no morro: Favela em Botafogo será a primeira a ter todos os seus casebres pintado*. Revista Veja Rio. Rio de Janeiro. Janeiro de 2011. Disponível em: <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/cidade/banho-tinta-morro-615461.shtml>. Acesso em fevereiro de 2012.

COMUNIDADE x favela: *Qual é o certo?* Blog Descolando Ideias. Agosto de 2011. Disponível em <http://descolandoideias.blogspot.com/2011/08/comunidade-x-favela-qual-e-o-certo.html> Acesso em fevereiro de 2012.

FERNANDES, André. *Favelas ou comunidades?* Agência de Notícias de Favelas – ANF. Maio de 2011. Disponível em <http://www.anf.org.br/2011/05/favelas-ou-comunidades/>. Acesso em fevereiro de 2012.

LEITE, Renata. *Favelas com UPP são pontos turísticos da vez*. O Globo Online. Dezembro de 2011. Disponível em <http://oglobo.globo.com/rio/favelas-com-upp-sao-pontos-turisticos-da-vez-3378301> Acesso em janeiro de 2012

ROLLER, Zoe. *Rocinha 4: uma abordagem mista de habitação pública*. Rio on watch: Relatos das favelas cariocas. Junho de 2011. Disponível em <http://favela.info/?p=2154>. Acesso em fevereiro de 2012.

SANTOS, Gabriela. *Lajão Cultural do Santa Marta*. Voz das comunidades. Novembro de 2011. Disponível em <http://www.vozdascomunidades.com.br/da-comunidade-para-o-mundo/lajao-cultural-do-santa-marta/> Acesso em fevereiro de 2012.

THUM, Tássia. *Passarela feita por Niemeyer para Rocinha é inaugurada*. Portal G1. Junho de 2010. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/06/passarela-feita-por-niemeyer-para-rocinha-e-inaugurada.html> Acesso em agosto de 2011.

VAZ, Ana Lúcia. *O mercado sobe o morro*. Revista do Brasil. Janeiro de 2011. Disponível em <http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/55/o-mercado-sobe-o-morro/> Acesso em fevereiro de 2012.